

**Universidade do Porto**  
**Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação**

**PERCEÇÃO DE SOLIDARIEDADE FAMILIAR E  
ESPERANÇA: VARIAÇÕES EM FUNÇÃO DO GÉNERO E DA  
ORIENTAÇÃO SEXUAL**

**Bárbara Edite Rodrigues Serrano**

outubro de 2015

Dissertação apresentada no Mestrado Integrado de Psicologia,  
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade  
do Porto, orientada pela Professora Doutora *Anne Marie Fontaine* e  
coorientada pelo Professor Doutor *Jorge Gato* e pela Professora  
Doutora *Susana Marques* (F.P.C.E.U.P.).

## **AVISOS LEGAIS**

O conteúdo desta dissertação reflete as perspectivas, o trabalho e as interpretações do autor no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceituais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação o autor declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na seção de referências. O autor declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus pais e ao meu irmão, por nunca terem duvidado da minha capacidade e por me terem dado a força que necessitava para nunca desistir. Muito obrigada!

Ao Renato, por todo o amor, carinho e apoio que me deu ao longo destes cinco anos. Muito obrigada!

À Professora Doutora Anne Marie por todos os conhecimentos que me transmitiu e por todo o apoio que me proporcionou ao longo do meu percurso. Muito obrigada!

Ao Professor Doutor Jorge Gato por toda a disponibilidade, paciência e ajuda. Muito obrigada!

À Professora Doutora Susana Marques por estar sempre pronta a ajudar. Muito obrigada!

À Inês por ser minha amiga desde sempre e por estar sempre comigo. Muito obrigada!

À Joana por todo o apoio, amizade e por todos os momentos de felicidade que me proporcionou. Muito obrigada!

Às grandes amigas que a FPCEUP permitiu que cruzassem o meu caminho e que levarei para a vida: Cristina, Vanessa, Elisabete, Ângela e Joana. Especialmente à Vanessa, por ter partilhado comigo as suas dúvidas e conhecimentos permitindo que ambas fizéssemos um trabalho ainda melhor. Muito obrigada!

Às minhas grandes amigas do ISMAI que sempre estiveram comigo, Ana Sofia, Juliana, Diana, e a todas as outras. Obrigada por tudo!

A todos os professores que tive ao longo do meu percurso académico, tanto do ISMAI como da FPCEUP que me ensinaram tudo o que sei hoje. Muito obrigada!

Às minhas colegas e amigas do ECI por fazerem do meu trabalho um momento de diversão e descontração. Obrigada!

## RESUMO

Pese embora se assista cada vez mais a uma alteração constante de leis e mentalidades em países desenvolvidos a favor da igualdade sexual e da não discriminação, essa igualdade ainda não foi plenamente conseguida. Tal situação origina em que muitos dos indivíduos LGBT sejam sujeitos a comportamentos discriminatórios não só por parte da sociedade mas mesmo por parte da família. Esta investigação pretende precisamente observar uma das possíveis manifestações desta discriminação comparando a perceção de apoio familiar em sujeitos LGB e heterossexuais e a as suas variações em função do género dos pais e dos filhos. Pretende-se ainda ver se as características pessoais dos sujeitos, como o nível de esperança dos participantes pode moderar esta relação. Para a sua operacionalização, recorreu-se a algumas escalas do índice de solidariedade familiar intergeracional de Bengtson e Roberts (1991) traduzido e adaptado a uma amostra da população portuguesa por Monteiro (2010) de modo a apreender a perceção de apoio familiar. Para ser possível observar o nível de esperança dos participantes, recorreu-se ao *Hope Scale* de Snyder, Harris, Anderson, Holleran, Irving, Sigmon & Harney (1991) adaptado para a população portuguesa por Marques, Lopez, Fontaine, Coimbra e Mitchell (2014).

Os resultados apresentados indicam que os indivíduos não heterossexuais percecionam efetivamente menos apoio familiar do que indivíduos heterossexuais; que os participantes percecionam as suas mães como menos conflituosas que os seus pais; que os homens não heterossexuais percecionam maior apoio familiar do que mulheres não heterossexuais; e que pessoas com maiores índices de esperança percecionam um maior apoio familiar do que aqueles que apresentam menores índices de esperança qualquer que seja a sua orientação sexual, salvo no caso da perceção de solidariedade afetiva que apenas está associada aos níveis de esperança dos participantes heterossexuais, e para o impacto da esperança na solidariedade normativa mais intenso nos não heterossexuais.

Tais resultados foram discutidos à luz da investigação disponível e abriram perspetivas para novas investigações.

**Palavras-Chave: homossexualidade, apoio familiar, esperança.**

## **ABSTRACT**

Despite we watch more and more to a constantly changing in laws and attitudes in developed countries in favor of gender equality and non-discrimination, this equality has not been fully achieved. This situation originates that many of LGBT persons are victims of discriminatory behavior not only by society but even by the family. This research aims precisely to observe one of the possible manifestations of this discrimination comparing the perception of family support for LGB and heterosexual individuals and their variations by gender of parents and children. Another objective is to watch if the personal characteristics of the subjects, as hope of the participants can moderate this relationship. For its operation, we use the index scales of intergenerational family solidarity Bengtson and Roberts (1991) translated and adapted to a sample of the Portuguese population by Monteiro (2010) in order to apprehend the perception of family support. To be able to observe the level of hope of the participants, we used the Hope Scale by Snyder, Harris, Anderson, Holleran, Irving, Sigmon & Harney (1991) adapted for the Portuguese population by Marques, Lopez, Fontaine, Coimbra and Mitchell (2014).

The results presented indicate that non-heterosexual individuals effectively feel less family support than heterosexuals; that the participants feel their mothers less conflictual than their fathers; that non-heterosexual men feel more family support than non-heterosexual women; and that people with higher levels of hope feel a greater family support than those with lower levels of hope whatever their sexual orientation is, except in the case of perception of affective solidarity that is only associated with heterosexual participants hope levels, and for the impact of hope in the normative solidarity more intense in the normative solidarity for the non-heterosexual individuals. These results were discussed based on the research available and opened new prospects for further investigations.

**Key words: Homosexuality, family support, hope.**

## RÉSUMÉ

Malgré l'évolution constante des lois et des attitudes en faveur de la non-discrimination en fonction de l'orientation sexuelle au sein des pays développés, cette égalité n'a pas encore été pleinement atteinte. Cette situation est responsable du fait qu'un grand nombre de personnes LGBT sont soumises à des comportements discriminatoires non seulement de la part de la société, mais aussi de leur propre famille. Cette recherche vise précisément à observer l'une des manifestations possibles de cette discrimination en comparant la perception de soutien familial des personnes LGBT et hétérosexuelles, ainsi que leur variation en fonction du genre des parents et des enfants. Un second objectif est de vérifier si les caractéristiques personnelles des sujets, comme le niveau d'espoir des participants, peuvent modérer cette relation. Afin de mettre en œuvre cette recherche, on a utilisé certaines échelles de l'Indice de la Solidarité Familiale Intergénérationnelle de Bengtson et Roberts (1991), traduit et adapté à un échantillon de la population portugaise par Monteiro (2010), qui permettent d'appréhender la perception du soutien familial. Pour mesurer le niveau d'espoir des participants, on a utilisé l'Echelle d'Espoir de Snyder, Harris, Anderson, Holleran, Irving, Sigmon & Harney (1991) adaptée à la population portugaise par Marques, Lopez, Fontaine, Coimbra et Mitchell (2014).

Les résultats indiquent que les individus non-hétérosexuels perçoivent effectivement moins de soutien familial que les hétérosexuels; qu'en général, les participants perçoivent leurs mères comme moins conflictuelles que leurs pères; hommes non hétérosexuels perçoivent plus de soutien de la famille que les femmes non hétérosexuelles; et que les personnes qui manifestent des niveaux plus élevés d'espoir perçoivent aussi un plus grand soutien de la famille que ceux dont les niveaux sont plus bas, quelle que soit leur orientation sexuelle. Toutefois la perception de la solidarité affective n'est associée à l'espoir que chez les participants hétérosexuels, et l'impact de l'espoir sur la perception de solidarité normative est plus importantes pour les participants non hétérosexuels. Ces résultats ont été examinés à la lumière des recherches disponibles, permettant l'ouverture à de nouvelles perspectives de recherches.

**Mots-clé: Homosexualité, soutien familial, espoir.**

## ÍNDICE

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>1</b>
<b>PARTE 1: ENQUADRAMENTO TEÓRICO</b> .....	<b>3</b>
<b>Capítulo I: Orientação sexual e o acesso à cidadania: um longo caminho no</b> .....	<b>3</b>
<b>respeito pelas diferenças</b> .....	<b>3</b>
1. Evolução Histórica da Homossexualidade.....	3
2. Visão Social em Relação às Identidades Sexuais não Normativas.....	5
<b>Capítulo II: Solidariedade Familiar Intergeracional</b> .....	<b>6</b>
1. Alterações Sociais no Conceito de Família .....	6
2. Solidariedade Familiar Intergeracional.....	7
3. O Processo de <i>Coming Out</i> e o Apoio Familiar em Jovens não Heterossexuais.....	9
<b>Capítulo III</b> .....	<b>13</b>
<b>Psicologia Positiva e Esperança</b> .....	<b>13</b>
1. A Importância da Esperança na Persecução de Objetivos.....	13
2. A Esperança em Indivíduos LGB.....	16
<b>2ª PARTE: ESTUDO EMPÍRICO</b> .....	<b>19</b>
<b>Capítulo IV: Metodologia</b> .....	<b>19</b>
1. Introdução .....	19
2. Objetivos, variáveis e hipóteses de estudo.....	19
3. Método .....	21
3.1. Amostra.....	21
3.2. Instrumentos.....	21
3.2.1. Formulário de Consentimento Informado.....	21
3.2.2. Questionário Sociodemográfico.....	21

3.2.3. Índice da solidariedade familiar intergeracional (Bengtson & Roberts, 1991)...	22
3.2.4. <i>Hope Scale</i> (Snyder <i>et al.</i> , 1991).....	23
3.3. Procedimento de Recolha de Dados.....	24
3.4. Procedimento de Análise dos Dados.....	26
<b>Capítulo V: Apresentação e Descrição dos Resultados .....</b>	<b>27</b>
1. Análise Descritiva dos Resultados.....	27
1.1. Dados Sociodemográficos.....	27
1.2. <i>Hope Scale</i> (Snyder <i>et al.</i> , 1991).....	28
1.3. Índice da Solidariedade Familiar Intergeracional (Bengtson & Roberts, 1991).....	28
2. Análises Inferenciais.....	28
2.1. Diferenças de perceção de apoio familiar em função da orientação sexual.....	29
2.2. Diferenças de perceção de apoio familiar em função da esperança. ....	34
3. Discussão dos Resultados .....	38
<b>CONCLUSÕES.....</b>	<b>45</b>
1. Considerações Finais .....	45
2. Limitações do Estudo e Sugestões para Investigações Futuras .....	46
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>47</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>53</b>

## ÍNDICE DE TABELAS

<b>Tabela 1:</b> Caracterização da amostra relativamente à idade, género, escolaridade, local de residência e orientação sexual.....	27
<b>Tabela 2:</b> Análises Descritivas do Índice da Solidariedade Familiar Intergeracional.....	28
<b>Tabela 3:</b> Diferenças entre a Perceção de Solidariedade Familiar e a Orientação Sexual.....	30
<b>Tabela 4:</b> Análise da Variância da Solidariedade Intergeracional em Função da Orientação Sexual e do Género.....	31
<b>Tabela 5:</b> Diferenças na perceção da solidariedade intergeracional familiar em função do género dos pais em sujeitos não heterossexuais (t-test para amostras emparelhadas).....	33
<b>Tabela 6:</b> Diferenças na perceção de solidariedade conflitual em função do género dos pais e dos filhos (t-test para amostras emparelhadas).....	34
<b>Tabela 7:</b> Médias de solidariedade familiar intergeracional em função da orientação sexual e da esperança.....	37

## ÍNDICE DE ANEXOS

<b>Anexo 1:</b> Consentimento Informado .....	54
<b>Anexo 2:</b> Questionário Sociodemográfico .....	55
<b>Anexo 3:</b> Índice de Solidariedade Familiar Intergeracional (Bengtson & Roberts, 1991) .....	60
<b>Anexo 4:</b> <i>Hope Scale</i> (Snyder <i>et al.</i> , 1991) .....	63

## INTRODUÇÃO

Nos dias de hoje são inegáveis as alterações que foram ocorrendo em Portugal e noutros países desenvolvidos no que se refere aos direitos civis da comunidade lésbica, *gay*, bissexual e transexual (LGBT), nomeadamente, a descriminalização da homossexualidade em 1982 e a aprovação da carta dos Direitos Fundamentais da União Europeia no ano 2000, que refere que:

*“É proibida a discriminação em razão, designadamente, do sexo, raça, cor ou origem étnica ou social, características genéticas, língua, religião ou convicções, opiniões políticas ou outras, pertença a uma minoria nacional, riqueza, nascimento, deficiência, idade ou orientação sexual”* (Carta dos Direitos Fundamentais, 2000, p. 13).

Outra das grandes conquistas alcançadas pela comunidade LGBT ocorreu a 17 de Maio de 2010, onde foi aprovado o casamento civil entre pessoas do mesmo sexo, algo que há muito tempo era reivindicado por esta comunidade e que se constitui como um grande marco na luta a favor da igualdade de direitos para todos. Apesar de todas estas conquistas a que fomos assistindo, as pessoas não heterossexuais continuam a não deter a mesma igualdade de direitos que os indivíduos heterossexuais. É possível referir neste domínio a impossibilidade de um casal de pessoas do mesmo sexo se apresentar como candidato à adoção de uma criança.

Para além desta impossibilidade de acesso aos mesmos direitos da restante população, Oliveira, Costa e Nogueira (2014), acrescentam que a população portuguesa demonstra hostilidade perante estas pessoas, compelindo-as a mascararem a sua identidade. O preconceito contra a população LGB continua a subsistir, embora, por vezes, se manifeste de forma mais subtil de discriminação (Gato, Fontaine & Carneiro, 2012). A família enquanto instituição social não está imune a este preconceito, ainda tão presente na nossa sociedade (e não só), o que pode ser uma das possíveis explicações para o facto de tantos sujeitos LGB não assumirem a sua identidade perante a sua família, originando um impacto no seu bem-estar. Como referem D’Augelli, Hershberger e Pilkington (1998), o processo de *coming out* do indivíduo face à família é um desafio complexo, visto que as famílias não são necessariamente tolerantes. Assim, muitos destes jovens podem perceber menos apoio por parte da sua própria família, sendo por vezes vítimas de abuso verbal e físico, como consequência da revelação.

Pesquisas no âmbito da psicologia positiva na comunidade em geral, têm permitido um maior conhecimento das características pessoais que favorecem a adaptabilidade em situações

adversas (Hart & Sasso, 2011). Características como a esperança e o otimismo têm sido estudados como fatores de proteção na população LGBT (Carver, Scheier, & Segerstrom, 2010). Assim, perante tamanhas dificuldades que muitos sujeitos não heterossexuais se vêm confrontados, o papel da esperança pode servir como fator de adaptabilidade e de proteção para estes jovens (Carver *et al.*, 2010). Esta tese pretende, portanto, estudar se a percepção de apoio familiar é diferente para sujeitos não heterossexuais quando comparados com sujeitos heterossexuais e se esperança poderá servir de fator moderador nesta relação. Ou seja, pretendemos observar, nomeadamente na população LGB se o nível de esperança dos participantes pode alterar a percepção de apoio parental/solidariedade familiar. Pretendemos também compreender se o género dos participantes e dos seus pais podem introduzir diferenças na percepção de solidariedade familiar assim como nos níveis de esperança.

O presente trabalho encontra-se dividido em duas grandes partes. Na primeira apresenta-se o enquadramento teórico onde são introduzidas considerações gerais no que concerne à homossexualidade, à solidariedade familiar intergeracional e à esperança. Na segunda secção, encontra-se o estudo empírico realizado, sendo iniciado por questões metodológicas inerentes à presente investigação, tais como hipóteses, questões de investigação, instrumentos utilizados e procedimentos na recolha e análise dos dados e por fim, encontra-se a apresentação dos resultados e consequente discussão.

## **PARTE 1: ENQUADRAMENTO TEÓRICO**

### **Capítulo I: Orientação sexual e o acesso à cidadania: um longo caminho no respeito pelas diferenças**

#### **1. Evolução Histórica da Homossexualidade**

Antes de serem aprofundadas as implicações da orientação sexual para a percepção da solidariedade familiar, importa contextualizar historicamente as identidades sexuais não normativas, nomeadamente a homossexualidade.

Embora o preconceito perante a comunidade LGB ainda subsista, os registos históricos permitem-nos compreender que, se a homossexualidade sempre existiu, nem sempre foi interpretada como algo errado ou pecaminoso. Em vários continentes, como a Ásia, África, Médio Oriente e América do Sul, a homossexualidade era aceite e encorajada (Naphy, 2004, cit. por Poeschl, Venâncio & Costa, 2012), pese embora as designações “homossexual” e “heterossexual” sejam terminologias desenvolvidas no séc. XIX. Antes de ser utilizada tal distinção tão focada na identidade do sujeito, a figura existente ligava-se ao sodomita, que contrariamente ao homossexual, referia-se apenas a um ato não procriativo que qualquer outra pessoa poderia cometer. Com a utilização do termo “homossexual”, o sodomita acaba por ser considerado, também ele, um homossexual (Aboim, 2010).

As alterações nesta visão positiva em relação à homossexualidade podem dever-se à tradição judaico-cristã e às interpretações das suas escrituras. Esta visão negativista da homossexualidade desenvolveu-se assim nos últimos 500 anos, alastrando-se a todo o mundo como consequência da hegemonia europeia com a sua moral cristã, e reforçado pelos Estados Unidos, nos últimos 100 anos (Naphy, 2004, cit. por Poeschl, *et al.*, 2012). A comunidade científica não ficou alheia a tais influências negativas acerca da homossexualidade, como mostra a sua classificação como patologia e a inserção da homossexualidade no ramo das doenças mentais no Séc. XX (Aboim, 2010). Esta inserção no grupo das doenças mentais e os ideais associados a uma procura de pureza racial, originou na morte de mais de 20.000 homossexuais

masculinos pelos nazis (Naphy, 2004, cit. por Poeschl, *et al.*, 2012).

Embora a categoria homossexual tenha sido colocada como plenamente oposta à heterossexualidade e como algo errado, pecaminoso e desviante, tal noção começou a ser posta em causa, primeiramente por Freud em 1905 que apesar de ter patologizado a homossexualidade, se opôs à noção de hereditariedade biológica. Tal questionamento deu lugar a cada vez mais debates relacionados com a origem da homossexualidade e com a possibilidade desta ser “natural” e “normal” (Aboim, 2010).

Segundo Jagose (1996) citada por Carneiro (2009), existem dois períodos que se afiguram de extrema importância para a defesa da comunidade LGBT: o desenvolvimento do *movimento homofílico* e o do *movimento liberacionista gay e lésbico*. O primeiro período situa-se entre o início do século XX e a década de 1960, no qual ocorreram ações e acontecimentos que tiveram como principal objetivo a defesa da homossexualidade como uma variante da sexualidade humana. Assim, procura-se a tolerância social, nomeadamente face à possibilidade de ser *gay* ou *lésbica* sem condenação religiosa, moral, jurídica e criminal. Segue-se um segundo período marcado pela proliferação de uma linguagem de direitos de cidadania reivindicados por *lésbicas* e *gays*, conhecido pelo movimento liberacionista *gay* e *lésbico* (Jagose, 1996, cit. por Carneiro, 2009). Este movimento lutou primordialmente para que as diferentes identidades tivessem a oportunidade de obter os mesmos direitos e se pudessem integrar quer socialmente, quer politicamente (Carneiro, 1998, cit. por Carneiro 2009). Em Portugal, por volta desta altura, ocorre o 25 de Abril de 1974 que traz consigo um espírito de liberdade e de alterações comportamentais, considerado, por isso, um grande marco para a comunidade LGBT. Em 1982, ocorre a descriminalização da homossexualidade e são fortalecidos os princípios de igualdade de direitos, com a entrada de Portugal na União Europeia. No ano de 2000, é aprovada a Carta dos Direitos Fundamentais da União Europeia que determina que é proibida a discriminação contra pessoas em função da sua orientação sexual.

Finalmente, a 17 de Maio de 2010 é aprovado o casamento civil entre pessoas do mesmo sexo, que há muito era reivindicado pela comunidade não heterossexual. Apesar desta conquista, continua a ser reivindicado por esta comunidade a possibilidade de adotar crianças ou jovens, mas tal ainda cria polémicos desentendimentos.

## **2. Visão Social em Relação às Identidades Sexuais não Normativas**

As mudanças legais, embora importantíssimas e necessárias não são suficientes para mudar as mentalidades. Formas subtis de discriminação ainda se mantêm, por isso, ainda hoje, muitos indivíduos não revelam a sua identidade, por medo de discriminação por parte da sociedade (Gato *et al.*, 2012).

Segundo Oliveira e colaboradores (2014), a cultura portuguesa e a população demonstra hostilidade perante pessoas LGB, forçando estes indivíduos a mascararem a sua identidade. Tais comportamentos discriminatórios trazem consequências severas para esta população. Segundo Meyer (2003) estes indivíduos têm uma maior prevalência de transtornos mentais e de tentativas de suicídio do que a população heterossexual. Neste quadro, não é de estranhar que grande parte dos elementos não heterossexuais se sinta discriminado no nosso país (e não só). Segundo Oliveira, Pereira, Costa e Nogueira (2010) em Portugal o insulto contra pessoas LGBT é frequente e banalizado. Os indivíduos não heterossexuais admitem já terem sido insultados três ou mais vezes durante a sua vida. Esta discriminação é tanto mais intensa quanto mais tradicionais os valores do meio.

Segundo Gato, Carneiro e Fontaine (2011) mesmo os sujeitos que não possuem crenças discriminatórias, mas que, possuem afeto negativo em relação à população LGB, demonstram comportamentos discriminatórios quando são confrontados com situações em que é socialmente aceite que o façam. Estes comportamentos discriminatórios contra a população LGB são percecionados com alguma frequência, devido ao facto de que esta população se encontra mais desprotegida em comparação com outros grupos minoritários, por não estar tão protegido pelas leis sociais que inibem comportamentos hostis contra as minorias. Gato (2012) alerta para a existência destes comportamentos discriminatórios em função da orientação sexual, mesmo em setores da população ligada à educação, à saúde, à justiça e a áreas psicossociais, embora este preconceito seja menor em pessoas pertencentes a cursos das áreas sociais, em comparação com outras áreas (Gato & Fontaine, 2012).

Devido a esta discriminação e à não igualdade de direitos que ainda se assiste nos dias de hoje em relação à população não heterossexual, será de esperar que muitos destes sujeitos com esta orientação sexual não normativa apresentem dificuldades em revelar a sua identidade perante a sociedade e, mais especificamente perante a sua família, como veremos no próximo capítulo.

## Capítulo II: Solidariedade Familiar Intergeracional

### 1. Alterações Sociais no Conceito de Família

A concepção de família e as relações familiares sofreram modificações à medida que as sociedades se alteraram. Segundo Singly (2011) a família evoluiu à medida que a sociedade holista, em que as pessoas são definidas principalmente pelos vínculos da filiação, deu lugar à sociedade individualista atual, definida apenas pelas características dos indivíduos que a compõem. No quadro desta nova sociedade, as necessidades individuais passaram a ser preponderantes para a formação das uniões e das famílias. Assistiu-se à valorização do domínio afetivo nas relações conjugais e no séc. XIX a família dita “moderna” toma o lugar da família tradicional. A família moderna caracteriza-se pela importância da construção de vínculos afetivos e pela prevalência dos sentimentos, ou seja, já nada obriga os indivíduos a estarem juntos se não for essa a sua vontade. Por outras palavras, o amor passou a ser o fator preponderante na construção de relações familiares ou na sua dissolução (Singly, 2011).

Segundo Singly (2011) a família moderna evoluiu em duas fases. O primeiro período estende-se do final do séc. XIX até aos anos 1960 e é ainda caracterizado primordialmente pela divisão dos papéis no seio familiar, nomeadamente na concepção do trabalho profissional ligado ao homem e das funções familiares ligadas à mulher. Esta divisão sexual permitia que o homem tivesse maior disponibilidade para a produção e que o trabalho doméstico, embora necessário, não fosse pago nem valorizado, traduzindo-se, deste modo, na lógica capitalista que caracterizava esta época (Amaro, 2014). Esta complementaridade garantia, por seu turno, a estabilidade das uniões. As mulheres eram exclusivamente definidas como esposas, mães e donas de casa, e por quererem ser consideradas mais do que isso, o movimento feminista ganhou voz. O segundo período é caracterizado por uma individualização ainda maior, nomeadamente devido à inserção das mulheres em atividades profissionais e a sua independência económica, observando-se a diminuição da estabilidade dos casamentos, com a possibilidade de divórcio por mútuo consentimento. Com estas alterações e com o crescimento do individualismo na família moderna, as relações amorosas tornaram-se cada vez menos estáveis e o objetivo de casar deixou de ser o fator preponderante na vida de alguém (Singly, 2011). Assim, nos dias de

hoje, assiste-se cada vez mais, ao crescimento do número de pessoas solteiras a viverem sozinhas ou em união de facto e ao aumento considerável do número de divórcios (Amaro, 2014).

Considerando todas estas alterações, surgiram novas formas de viver a vida no seio familiar, de forma mais moderna. A família continua a ser, contudo, o contexto que tem a responsabilidade do desenvolvimento das crianças a nível social e pessoal, e que tem também um papel preponderante na formação de valores e na construção da identidade dos seus membros (Fontaine & Matias, 2003).

## **2. Solidariedade Familiar Intergeracional**

Segundo Bengtson e Roberts (1991), as relações desenvolvidas entre os pais e os seus filhos adultos afiguram-se uma fonte primária de suporte mútuo, emocional e instrumental. Para estes autores que desenvolveram o índice de solidariedade familiar intergeracional, a solidariedade familiar deve ser caracterizada à luz de sete dimensões: (i) solidariedade afetiva, que engloba sentimentos e perceções positivas que os familiares possuem acerca da sua relação com outros membros; (ii) solidariedade associativa que engloba o tipo e a frequência de contactos entre os familiares; (iii) solidariedade consensual que diz respeito à concordância ou não de opiniões, valores e de orientações entre gerações; (iv) solidariedade funcional dada e recebida que engloba a assistência, o apoio dado e recebido entre os elementos familiares; (v) solidariedade normativa que engloba expectativas no que se refere às obrigações dos filhos e dos pais e também, às normas acerca da importância dos valores familiares; (vi) solidariedade estrutural que se refere à proximidade geográfica entre os dois elementos familiares; e por último, (vii) solidariedade conflitual que remete para o grau de crítica, tensão ou desacordo entre os elementos familiares.

De acordo com Lin e Wu (2014) a grande maioria dos pais fornece apoio instrumental ou emocional aos seus filhos adultos, sendo que nos dias de hoje, esta tendência estará ainda mais reforçada dado a crise económica em que se encontra o nosso país. Deste modo, é considerado normativo que os filhos recebam ajuda dos seus pais, mesmo no decorrer da adultez (Coimbra & Mendonça, 2013). Simetricamente, o conteúdo do apoio, a sua direção e o facto dos contactos entre pais e filhos terem ocorrido mais recentemente (com filhos já adultos por exemplo) estão associados a uma maior esperança dos pais de reciprocidade por parte dos seus

filhos, ou seja, que os seus filhos irão cuidar e reconfortá-los mais tarde ou se se confrontarem com uma situação de doença ou incapacidade. A maioria dos adultos mais velhos prevê que irá receber ajuda dos seus filhos em momentos de necessidade, embora mais em cuidados de saúde do que em conforto (Lin & Wu, 2014).

A solidariedade intergeracional pode assim se manifestar nos dois sentidos e proporcionar bem-estar tanto aos filhos como aos pais (Coimbra & Medonça, 2013), embora esse bem-estar dependa da quantidade de apoio recibo e proporcionado, do estado civil do pai/mãe e das expectativas de apoio. Ou seja, uma extrema dependência pode também provocar consequências psicológicas negativas para quem recebe o apoio (Silverstein, Chen & Heller, 1996).

De facto, apesar do individualismo crescente, estudos recentes assinalam que os jovens continuam a assumir uma preocupação pelos interesses da família, assim como, pelo apoio material entre os elementos familiares, quando é necessário. Assim, os jovens, apesar de valorizarem a sua independência, autonomia, espaço pessoal e a capacidade de decidir por si próprio (individualismo), não se afastam muito dos valores familiares (familismo) (Fontaine & Matias, 2003). Esta ausência de um distanciamento dos valores familiares por parte dos jovens, não é corroborada por Albert, Ferring e Michels (2013), que referem que existe efetivamente um afastamento dos valores parentais por parte da geração mais nova, embora este afastamento não seja refletido nos padrões de apoio existentes entre as filhas e as suas mães. Se, por um lado, as filhas sentem que fornecem mais apoio do que recebem, por outro lado, as mães afirmam que mesmo que as filhas se afastem e ajam de forma contrária aos valores familiares, estão dispostas a apoiá-las. Assim, embora o consenso entre valores mãe-filha seja sinal de compreensão e de proximidade entre gerações, de partilha de expectativas mútuas e aumenta disponibilidade das filhas prestarem mais apoio às suas mães, a ausência de consenso não inibe as mães a apoiar as suas filhas.

Segundo Swartz (2009) existem elevados índices de partilha e de sentimentos positivos entre pais e filhos, pese embora existam diferenças em função de género que devem ser tidas em consideração. Os filhos adultos manifestam uma maior proximidade com as suas mães do que com os seus pais. Tais diferenças poderão dever-se ao maior envolvimento das mulheres no cuidado aos filhos e ao facto de, em situação de divórcio, serem as mães a ficarem com a guarda legal destes. Assim, é esperado também no nosso estudo que os indivíduos sintam um maior

apoio familiar por parte das suas mães do que por parte dos seus pais.

Por outro lado, torna-se também importante salientar, que as investigações sugerem que a percepção de apoio familiar, além de apresentar diferenças em função do género dos pais, apresenta também diferenças em função do género dos filhos. Assim, segundo Lynch (1998) o género influencia efetivamente a percepção de apoio familiar, sendo que as mulheres apresentam uma maior percepção desse mesmo apoio em comparação com os homens. Na população não heterossexual especificamente, essas diferenças também são verificadas, sendo que as mulheres também apresentam uma maior percepção de apoio familiar em comparação com os homens, manifestando, simultaneamente, menos *stress* em relação à sua orientação sexual não normativa (Pearson & Wilkinson, 2013). Deste modo, é esperado que as mulheres não heterossexuais apresentem também na presente investigação uma maior percepção de apoio parental quando comparadas com os homens não heterossexuais.

### **3. O Processo de *Coming Out* e o Apoio Familiar em Jovens não Heterossexuais**

Pese embora a presente investigação não tenha como objetivo estudar o processo de *coming out* na população não heterossexual, considera-se de especial importância abordá-la, visto que acreditamos que este é um fator que está relacionado com a percepção de solidariedade familiar nestes indivíduos.

Assim, o *coming out* é um dos processos mais estudados na população LGB e nas suas famílias, sendo que se caracteriza pelo reconhecimento dos outros da orientação sexual da pessoa, da construção da sua identidade e do seu bem-estar psicológico. A frase “*coming out*” advém da metáfora “*coming out of the closet*” (“sair do armário”) (Huegel, 2011). Segundo Oliveira e colaboradores (2010) o *coming out* é o processo pelo qual os sujeitos LGB assumem uma identidade não heterossexual. Existem contudo, variadíssimas razões para não o fazer, entre os quais a percepção pelo indivíduo de contextos sociais discriminatórios, preconceituosos ou conservadores (na família, na escola, entre outros).

Além disso, para muitas destas pessoas, revelar a sua orientação sexual em público em nada contribui para o seu bem-estar, optando por fazê-lo apenas em contextos mais apoiantes, a familiares e amigos próximos (Elizur & Ziv, 2001). Mesmo assim, segundo D’Augelli e colaboradores (1998), este processo de *coming out* do sujeito face à família é um desafio complexo, visto que as famílias não são necessariamente tolerantes e muitos destes sujeitos são

vítimas de ameaças e abuso verbal e físico, como consequência da sua revelação. Estas reações negativas da família são tanto maiores quanto maior é a sua percepção de que esse comportamento pode ser controlado (Arnesto & Weisman, 2001). Quando o sujeito ainda reside em casa dos pais e ainda frequenta a escola secundária, os riscos de reações negativas são ainda mais severos (D'Augelli *et al.*, 1998).

Os riscos da revelação na fase da adolescência tornam-se ainda maiores devido aos desafios associados a esta fase de desenvolvimento. Apesar de nesta fase, se assistir a uma individuação crescente, normalmente este processo ocorre num quadro de suporte estável da família e dos pais. Quando o jovem se sente atraído por pessoas do mesmo sexo desde a puberdade, pode sentir que a revelação da sua orientação sexual irá deixá-lo sem este apoio familiar de que tanto necessita (D'Augelli, *et al.*, 1998) e que poderá ser alvo de rejeição e mesmo de abuso (LaSala, 2010). Após o *coming out*, os jovens podem experimentar elevados graus de ambivalência na relação por parte dos pais, irmãos e outros elementos da família alargada, o que pode, em alguns casos, provocar ruturas das relações familiares, podendo em alguns casos virem a tornar-se sem-abrigo (D'Augelli *et al.*, 1998).

Segundo D'Augelli e colaboradores (1998), muitos jovens apenas revelam a sua orientação sexual por volta dos 16 anos. Na sua grande maioria, esta primeira revelação é feita aos amigos. A revelação à família sendo mais tardia, por volta dos 17, 18 anos, é normalmente feita primeiro às mães (D'Augelli & Hershberger, 1993; D'Augelli, *et al.*, 1998; Savin-Williams & Ream, 2003), normalmente por possuírem uma relação de maior proximidade com esta e por as considerarem mais aceitantes (Savin-Williams & Ream, 2003). Grande parte dos jovens referem ter desenvolvido com as suas mães uma relação na base da proximidade, consistência e carinho (LaSala, 2010), sendo que estas revelam uma maior facilidade em falar abertamente sobre a orientação sexual não normativa dos seus filhos (D'Augelli *et al.*, 1998). Em contrapartida, as relações entre pais e filhos tendem a ser mais distantes do que a relação entre mães e filhos (LaSala, 2010). Talvez por essa razão, apenas uma pequena percentagem dos pais conheça a orientação homossexual dos seus filhos e falem abertamente com estes acerca dela (D'Augelli *et al.*, 1998), sendo que, por vezes, descobrem por acidente ou através de terceiros (Savin Williams & Ream, 2003).

Os indivíduos que optam por fazer o *coming out* referem que a reação dos pais é claramente mais negativa do que a reação das mães. Esta evidência é também antecipada pelos

sujeitos que ainda não revelaram a sua orientação sexual. Estes preveem que serão mais facilmente aceites pelas suas mães do que pelos seus pais (D'Augelli & Hershberger, 1993; D'Augelli *et al.*, 1998).

Apenas uma minoria dos indivíduos não heterossexuais considera que fala abertamente acerca da sua orientação sexual e diz que o facto de ter assumido a sua orientação sexual face a todos os membros da família foi associada a sentimentos positivos por parte destes. Quando não é o caso, o facto de alguns membros familiares não terem esse conhecimento, cria um ambiente familiar complexo e instável. Usualmente, o sujeito que não assumiu a sua orientação sexual face aos seus pais espera receber reações mais negativas por parte destes a revelações futuras, quando comparados com jovens que assumiram a sua identidade; sendo que, por conhecerem a orientação dos seus filhos, tal não significa que os pais sejam apoiantes (D'Augelli & Hershberger, 1993).

A falta de apoio e de aceitação familiar no caso dos jovens LGB, pode resultar em tensões e preocupações expressas através de manifestações indiretas como problemas de saúde, ausências escolares e dificuldades académicas (D'Augelli & Hershberger, 1993). Há mesmo comportamentos ainda mais preocupantes como consequência do *coming out*: alguns jovens cometeram uma tentativa de suicídio e outros revelam ideação suicida (D'Augelli & Hershberger, 1993; D' Augelli *et al.*, 1998).

Assim, muitos destes indivíduos optam por não revelar a sua orientação sexual, evitando os riscos de rejeição que poderiam enfrentar por parte da sua rede social. O evitar é eficaz na manutenção da harmonia familiar, o que certamente é uma preocupação, especialmente para os adolescentes que ainda são dependentes financeiramente das suas famílias (D'Augelli, *et al.*, 1998). Em contrapartida, os sujeitos que optam por fazer o *coming out*, revelam sentirem-se melhor consigo mesmos e mais confortáveis por saberem que a escola e a comunidade tem conhecimento da sua orientação sexual. No entanto, relatam um aumento da vitimização em casa, na escola e correm mais riscos de perder amigos (D'Augelli *et al.*, 1998; Huegel, 2011). Pelos motivos anteriormente apontados, a população não heterossexual pode vivenciar um maior nível de distanciamento dos pais, quando comparada com a população heterossexual. No interior da população LGB são também encontradas diferenças significativas entre grupos, no que se refere à autoestima e ao distanciamento parental. Os bissexuais são os que demonstram níveis mais baixos de autoestima e níveis mais altos de distanciamento parental (Wilson, Zeng

& Blackburn, 2011).

O apoio de colegas de uma orientação sexual semelhante pode ser um mediador decisivo na decisão de fazer o *coming out* aos membros da família. Os pares podem ainda, possibilitar abordagens para os elementos familiares que podem reduzir as reações negativas. O envolvimento em grupos sociais e de apoio podem funcionar como uma estratégia eficaz para lidar com a vitimização familiar. No caso de a família ser extremamente rejeitante, estes grupos podem funcionar como ajuda para encontrar recursos na vida do indivíduo (D'Augelli *et al.*, 1998). Assim, Wilson e colaboradores (2011) sugerem que a população LGB pode ter problemas ao nível das redes sociais de apoio, principalmente com os pais. Estes problemas podem afetar significativamente a saúde mental, a estabilidade de relações não heterossexuais, a capacidade para participar em organizações religiosas e em experiências da comunidade. Em suma, a família demonstra ser um importante fator mediador no bem-estar e na autoestima dos indivíduos em geral. Este medo de perder o apoio familiar torna compreensível o facto de tantos indivíduos que possuem uma orientação sexual não normativa não a assumirem perante a sua família. Este facto pode estar associado à percepção de solidariedade familiar entre gerações, ou seja, em termos de percepção de apoio por parte dos pais em termos funcionais, afetivos ou normativos. Com efeito, a partir dos estudos mencionados anteriormente, é esperado que os sujeitos não heterossexuais não percecionem o mesmo apoio familiar do que os sujeitos heterossexuais.

Assim, um dos propósitos da presente investigação é de observar precisamente se os sujeitos não heterossexuais percecionam um menor apoio familiar quando comparados com sujeitos heterossexuais como pode ser antecipado a partir dos resultados da literatura existente, e se esta percepção varia com o género dos pais e dos filhos.

## Capítulo III

### Psicologia Positiva e Esperança

#### 1. A Importância da Esperança na Persecução de Objetivos

A esperança é uma característica que se evidenciou no quadro da psicologia positiva nos últimos anos, sendo que “*A psicologia positiva é o estudo das condições e dos processos que contribuem para o florescimento ou para o funcionamento ideal das pessoas, grupos ou instituições*” (Gable & Haidt, 2005, p. 104, tradução livre).

As pesquisas, no âmbito da psicologia positiva ampliaram o seu foco de investigação desta disciplina para além da doença mental, para incluírem fatores que promovem a felicidade e o bem-estar (Gable & Haidt, 2005; Marques, Pais-Ribeiro & Lopez, 2011; Schiffrin, 2013), permitindo um maior conhecimento das características pessoais que permitem a adaptabilidade das pessoas em situações adversas (Hart & Sasso, 2011).

Características como a esperança e o otimismo têm sido estudadas como fatores de proteção na população LGBT (Carver *et al.*, 2010), sendo que estes construtos da psicologia positiva estão próximos, embora distintos.

Segundo Snyder e colaboradores (1991), a esperança é definida como um conjunto cognitivo motivacional dividido em duas componentes: componente caminhos e componente iniciativa. Neste sentido, a teoria da esperança abrange a capacidade do indivíduo para a) definir os seus objetivos – *goals thinking* ou pensamento orientado para os objetivos -, b) desenvolver estratégias adequadas para alcançar esses objetivos – componente caminhos -, e c) iniciar e manter a motivação necessária para utilizar essas estratégias – componente iniciativa- (Marques, Pais-Ribeiro & Lopez, 2011).

A componente caminhos refere-se à forma como a visão de um indivíduo pode influenciar os seus pensamentos atuais (e.g. um sujeito tomar uma vacina para diminuir as hipóteses de apanhar uma gripe no futuro). Neste sentido, o autor defende que o pensamento é recíproco, ou seja, o passado influencia o futuro e vice-versa. Assim, a noção de tempo e de como os indivíduos caminham através desse continuum são necessários e úteis para o pensamento humano (Snyder, 2000).

A componente caminhos em indivíduos com altos níveis de esperança implica a produção de um caminho plausível, com uma sensação de confiança nessa rota, na perseguição dos seus objetivos. Por outro lado, uma pessoa com baixos índices de esperança possui um pensamento mais frágil e articula mal a sua rota (Snyder, 2000). Para além da produção de um caminho plausível, indivíduos com altos índices de esperança são melhores a encontrarem rotas alternativas. Contrariamente, indivíduos com baixos níveis de esperança têm menor probabilidade de encontrar essas mesmas rotas alternativas (Snyder, 2002). A componente iniciativa, considerado o fator motivacional da teoria da esperança, é a capacidade de utilizar os caminhos para alcançar os objetivos desejados. Estes pensamentos envolvem a energia mental para iniciar e continuar a utilizar o caminho em todos os estágios (Snyder, 2002). Esta componente é particularmente importante quando as pessoas encontram impedimentos. Nessas situações, a componente iniciativa ajuda as pessoas a alcançar a motivação necessária, para encontrar um caminho alternativo (Snyder, 1994, cit. por Snyder, 2002).

Segundo Snyder (2002), a percepção da pessoa sobre o sucesso (ou falta dele) na perseguição de objetivos pessoais, influencia as emoções posteriores. Assim, as emoções são o reflexo das respostas às percepções da forma como o indivíduo está a fazer (ou fez) as atividades que permitiram alcançar os objetivos. Por um lado, as emoções positivas devem fluir a partir da percepção do sujeito de que alcançou a sua meta de forma bem-sucedida. Essas percepções podem resultar num movimento livre em direção aos objetivos desejados, ou podem refletir situações em que o indivíduo tem que superar os problemas que aparecem na procura da sua meta. Por outro lado, quando as percepções da procura da sua meta são negativas, podem resultar de um componente caminhos e de iniciativa insuficientes, ou da incapacidade de superar uma frustração.

Um indivíduo com mais esperança possui uma sensação de entusiasmo em relação à procura de objetivos. Pelo contrário, uma pessoa com menos esperança experiencia emoções negativas e demonstra uma sensação de letargia na procura de objetivos (Snyder, 2002).

O modelo da esperança é influenciado pelas aprendizagens que foram desenvolvidas ao longo da infância, sendo nesta fase em que o pensamento de iniciativa é adquirido. Segundo Snyder (2002), a maioria das pessoas não possui altos níveis de esperança, ou porque foram ensinados a pensar dessa forma, ou por terem ocorrido situações na sua infância, que diminuiram os seus níveis de esperança. Assim, a esperança elevada é acompanhada por características

emocionais semelhantes. Estas características emocionais são influenciadas pelos sentimentos suscitados no alcance das metas anteriores da vida do sujeito. Deste modo, as emoções autorreferenciadas de pessoas com mais esperança, refletem sentimentos positivos acerca do envolvimento em metas futuras, as emoções experienciadas por uma pessoa com baixos níveis de esperança correspondem a um repertório de sentimentos negativos e passivos acerca da perseguição dos seus objetivos (Snyder, 2002). Também indivíduos com maiores índices de esperança desenvolvem mais objetivos, quando comparados com indivíduos com menos esperança. Esta situação deve-se ao facto de que um indivíduo com mais esperança quando não consegue alcançar o objetivo desejado gera imediatamente outros objetivos (Snyder, 2002).

Segundo Snyder (2002), antes do indivíduo se decidir por um único objetivo, vai considerar os seus valores na procura desse objetivo. As metas baseadas nas próprias normas do indivíduo tornam-se mais atrativas, do que as metas construídas através dos valores de outras pessoas. À medida que os caminhos e pensamentos de iniciativa são ativados em busca de um objetivo, o sujeito pode apresentar reações emocionais à introdução do processo da procura da sua meta (Snyder, 2002). As emoções influenciam, como já foi mencionado, a perseguição das metas e o processo de pensamento, ou seja, nesta fase torna-se de extrema importância que se desenvolvam emoções positivas para reforçar o processo de procura de metas. No caso de pessoas com mais esperança o retorno emocional é maior, em comparação com pessoas com menos esperança (Snyder, 2002).

Este processo de procura de metas é completamente diferente para pessoas que possuem baixos índices de esperança. No início da sequência deste processo, as pessoas com menos esperança possuem um conjunto de emoções negativas e ficam apreensivos sobre o que está ainda por acontecer. A atenção rapidamente é desviada para pensamento como “*Eu não estou a fazer bem*” e acabam por ser controlados pelas emoções negativas (Snyder, 2002).

Na procura dos seus objetivos o indivíduo pode encontrar um stressor (ou pode ocorrer no início deste processo), que pode impedir o pensamento positivo. Pessoas com menos esperança são suscetíveis de se submeter ao *stress* e “descarrilar” na sua procura de objetivos. Com esses “descarrilamentos”, o indivíduo com baixos níveis de esperança, entende que não irá conseguir atingir o objetivo desejado, e o ciclo de emoções negativas resultantes desta situação, inserem-se no pensamento ligado à esperança, influenciando a procura de futuras metas. No entanto, um indivíduo com mais esperança encara o stressor como um desafio (Snyder *et al.*,

1991; Snyder, 2002), conseguindo, muitas vezes, ser bem-sucedido. Este ciclo de *feedback* positivo irá influenciar as emoções, o pensamento e as futuras procuras de objetivos (Snyder, 2002).

Em suma, o modelo da esperança envolve um sistema relacionado com a procura de objetivos que é influenciado por vários acontecimentos da vida do sujeito (Snyder, 2002). Assim, indivíduos com mais esperança possuem uma maior capacidade de perseguir os seus objetivos, mesmo quando são confrontados com obstáculos ambientais, sociais ou pessoais (Snyder *et al.*, 1991).

## **2. A Esperança em Indivíduos LGB**

A esperança pode possibilitar aos indivíduos não heterossexuais prosseguirem as suas metas, apesar de se encontrarem num grupo considerado como minoria. Neste sentido, Kwon (2013) propõe que a esperança torna os indivíduos mais resilientes.

Segundo Marques, Pais-Ribeiro e Lopez (2011) a esperança prediz a saúde mental num intervalo temporal de 2 anos e elevados níveis de esperança estão relacionados com um perfil psicológico e académico mais ajustado e favorável em adolescentes (e.g., níveis mais elevados de saúde mental, satisfação com a vida global e autoestima e melhores resultados escolares e envolvimento escolar) (Marques, Lopez, Fontaine, Coimbra & Mitchell, 2014).

Pessoas com altos índices de esperança prosseguem as suas metas com força de vontade e determinação, planeiam com sucesso formas de as atingir e superam obstáculos associados com essa meta (Snyder *et al.*, 1991). Deste modo, indivíduos com maiores índices de esperança são propensos a experimentar um evento stressante como um desafio e não como uma ameaça (Roesch, Duangado, Vaughn, Aldridge, & Villodas, 2010).

Os sujeitos não heterossexuais que são afastados pela família ou intimidados por colegas são suscetíveis de se questionarem sobre a sua capacidade de resistir a esta experiência. Não sendo de estranhar que muitos apresentem sentimentos de desesperança e pessimismo em relação ao futuro (Hatzenbuehler, Hilt & Nolen-Hoeksema, 2010). Tais sentimentos de desesperança podem estar intimamente relacionados com o país em que estes indivíduos residam, sendo que, nesse caso, se viverem em locais onde existam políticas anti-*gay*, têm maior probabilidade de apresentar sentimentos de falta de esperança e pensamentos pessimistas em relação ao futuro (Russel & Richards, 2003).

Também no local de trabalho, os sujeitos LGB que encontram preconceito, podem se questionar-se sobre a sua capacidade de ter sucesso nas suas carreiras. Ora, a capacidade de gerar expectativas positivas e a iniciativa para ultrapassar obstáculos é um fator de resiliência importante (Kwon, 2013) que pode reduzir o efeito do preconceito. Assim, há jovens *gays* e lésbicas que foram capazes de prosperar na sua carreira profissional, apesar de terem enfrentado experiências de preconceito e discriminação (Adams, Cahill, & Ackerlind, 2005). Segundo Kwon e Hugelshofer (2010), os indivíduos que experimentaram alta discriminação no local de trabalho, mas que possuem altos níveis de esperança, relatam maior satisfação com a vida, quando comparados com indivíduos com baixos níveis de esperança. Ou seja, embora um local de trabalho hostil esteja relacionado com menores níveis de satisfação com a vida, isto acontece com mais intensidade se o indivíduo possuir baixos níveis de esperança. Desta forma, a esperança pode alterar a força da associação entre preconceito e satisfação com a vida. Paralelamente os resultados de uma intervenção para promover os níveis de esperança mostraram um aumento significativo dos níveis de satisfação com a vida e autoestima, que aponta ainda para a possibilidade de a esperança atuar como fator protetor da saúde mental (Maques, Lopez, & Pais-Ribeiro, 2011). Kwon e Hugelshofer (2010) referem aliás que indivíduos não heterossexuais com altos níveis de esperança, quando são confrontados com situações adversas, têm respostas mais ajustadas e perceção de bem-estar mais elevado.

Em suma, a esperança é expressamente um fator de resiliência na comunidade em geral, e como a investigação sugere, pode também servir como fator de proteção para os sujeitos LGB (Kwon, 2013). Quando estes últimos apresentam maiores índices de esperança demonstram expectativas positivas e maior capacidade de enfrentar situações negativas e stressantes (Hill & Gunderson, 2015), manifestando frequentemente, uma perceção maior de apoio familiar (Kemer & Atik, 2011). Assim, a presente investigação pretende observar se a esperança pode alterar a relação entre a orientação sexual e perceção de apoio familiar, reduzindo a perceção de falta de apoio parental dos sujeitos com uma orientação sexual não normativa.

Pretende-se também compreender se o nível de esperança poderá ser diferente para mulheres lésbicas ou bissexuais e para homens *gay* ou bissexuais. Algumas investigações sugerem que homens e mulheres, na população em geral, apresentam em média os mesmos níveis de esperança (Marques *et al.*, 2014; Pacico, Bastionello, Zanon & Hutz, 2013). Todavia, tendo em consideração que a presente investigação pretende estudar as diferenças no nível de

esperança diretamente na população LGB, acreditamos que encontraremos resultados diferentes com base em investigações anteriores que sugerem que os indivíduos heterossexuais apresentam um maior desconforto (Monto & Supinsky, 2014) e atitudes menos favoráveis face a homens *gay* do que a mulheres lésbicas (Papadaki, Plotnikof & Papadaki, 2013). Assim, introduzindo que os homens *gay* sofrem uma maior discriminação do que mulheres lésbicas, é esperado que estas últimas apresentem maiores índices de esperança.

## **2ª PARTE: ESTUDO EMPÍRICO**

### **Capítulo IV: Metodologia**

#### **1. Introdução**

Neste capítulo, pretende-se apresentar a metodologia do estudo empírico realizado. Estudo esse que pretende compreender em que medida a percepção de solidariedade familiar é diferente em pessoas não heterossexuais e heterossexuais e de que forma a esperança pode servir como fator moderador nesta relação. Pretende-se também averiguar se o género pode surtir algum tipo de diferença na percepção de solidariedade familiar e se um dos pais pode ser percecionado como mais aceitante do que outro perante a orientação sexual não normativa dos seus filhos, sendo percebido como mais solidário.

Assim, inicialmente são enumerados os objetivos gerais e específicos, as variáveis e hipóteses de investigação. Seguidamente são descritos mais pormenorizadamente elementos inerentes ao método, tais como: a amostra, os instrumentos utilizados, em que consistem, o que pretendem avaliar e algumas das suas características psicométricas e, por fim, o procedimento utilizado na recolha e na análise dos dados.

#### **2. Objetivos, variáveis e hipóteses de estudo**

O presente estudo tem como objetivo geral compreender em que medida a percepção de solidariedade familiar é diferente na população não heterossexual e heterossexual, observando se a esperança pode servir como fator mediador nesta relação.

Assim, este estudo pretende mais especificamente:

- 1) Compreender em que medida a percepção de apoio familiar é diferente na população não heterossexual e heterossexual e se estas diferenças variam em função do género do participante.
- 2) Compreender se os indivíduos não heterossexuais percecionam um dos progenitores como mais apoiante do que o outro.
- 3) Verificar se há diferenças nos índices de esperança dos indivíduos não heterossexuais

e heterossexuais e se estas diferenças variam em função do género

- 4) Observar se a esperança pode servir como fator moderador na percepção de apoio familiar dos sujeitos não heterossexuais e heterossexuais.

No que concerne às variáveis deste estudo, a variável dependente é a solidariedade intergeracional percebida por sujeitos não heterossexuais e heterossexuais, relativamente ao pai e à mãe analisados separadamente, de forma a serem comparados ambos os grupos. As variáveis independentes são a orientação sexual e o género dos respondentes. Por último, a variável moderadora é a esperança.

De acordo com os objetivos propostos, apresentam-se as seguintes hipóteses de investigação alicerçadas no enquadramento teórico apresentado anteriormente:

### **1. Diferenças em função da orientação sexual e percepção de apoio familiar.**

H1a. Os indivíduos não heterossexuais pensam ter um menor apoio familiar em comparação com indivíduos heterossexuais.

H1b. Os indivíduos não heterossexuais do género feminino pensam ter um maior apoio familiar em comparação com indivíduos não heterossexuais do género masculino sendo esta diferença mais ampla, comparativamente com sujeitos heterossexuais.

H1c. Os indivíduos não heterossexuais percebem as suas mães como mais apoiantes em comparação com os seus pais.

### **2. Diferenças na percepção de apoio familiar em função da esperança.**

H2a. Indivíduos heterossexuais apresentam maiores índices de esperança quando comparados com indivíduos não heterossexuais.

H2b. Indivíduos não heterossexuais do género feminino apresentam maiores índices de esperança do que indivíduos não heterossexuais do género masculino.

H2c. Indivíduos com maiores índices de esperança pensam ter um maior apoio familiar do que indivíduos com menores índices de esperança independentemente da orientação sexual.

### **3. Método**

#### **3.1. Amostra**

Os critérios de seleção da presente amostra incluem a participação de sujeitos portugueses não heterossexuais e heterossexuais com mais de 18 anos, de ambos os géneros. A amostra é formada por um total de 530 sujeitos, a maioria é do género feminino ( $n = 268$ , 50,6% da amostra), heterossexual ( $n = 291$ , 54,9% da amostra), com um nível de escolaridade superior ( $n = 376$ , 70,9% da amostra) e com residência numa grande cidade ( $n = 319$ , 60,2% da amostra).

Trata-se de uma amostra por conveniência, recolhida via internet de modo a que os elementos se tornem mais acessíveis, principalmente os sujeitos não heterossexuais.

#### **3.2. Instrumentos**

De forma a ser possível dar resposta às hipóteses formuladas, a investigação teve por base a utilização de três instrumentos: (i) um questionário sociodemográfico, (ii) a *Hope Scale* de Snyder e colaboradores (1991), com a adaptação portuguesa de Marques e colaboradores (2014), para a medição do nível de esperança e, por fim, (iii) algumas escalas do Índice da Solidariedade Familiar Intergeracional de Bengtson e Roberts (1991), adaptado para uma amostras portuguesas por Monteiro (2010) para compreender a perceção de apoio familiar dos participantes no estudo. Os instrumentos serão apresentados na secção 3.2.2.

##### **3.2.1. Formulário de Consentimento Informado**

O termo de consentimento informado foi apresentado no início do questionário, assegurando os elementos éticos inerentes à investigação. Desta forma, os participantes facultam o seu consentimento de forma consciente e informada, sabendo que poderão desistir em qualquer momento (ver Anexo 1).

##### **3.2.2. Questionário Sociodemográfico**

Este constitui a primeira componente do questionário, contendo perguntas sobre a idade, a área de residência, a identidade racial/étnica, o género, a orientação/identidade sexual, o nível

académico, o estatuto relacional/conjugal atual e, por último, a existência de filhos ou exercício de um papel parental (ver Anexo 2).

### **3.2.3. Índice da solidariedade familiar intergeracional (Bengtson & Roberts, 1991)**

Com o objetivo de medir a percepção de solidariedade intergeracional nos indivíduos participantes na investigação, foi utilizado o Índice da Solidariedade Familiar Intergeracional desenvolvido por Bengtson e Roberts (1991) e adaptado para a população portuguesa por Monteiro (2010) (ver Anexo 3).

Esta escala tem subjacente a abordagem do ciclo vital, que refere que estruturas sociais amplas e contextos sociais alargados influenciam as relações familiares, analisando as relações desenvolvidas no seio familiar – como se alteram ou como se mantêm estáveis ao longo do tempo – e a variação destas relações com os diversos contextos (Bengtson & Roberts, 1991). Mais especificamente, este índice pretende caracterizar as dimensões comportamentais e emocionais da interação, da coesão, dos sentimentos e do suporte entre pais e filhos (Bengtson, 2001). De acordo com Bengtson e Roberts (1991) a solidariedade é composta por sete dimensões: (1) a Solidariedade Afetiva, que engloba sentimentos e percepções positivos que os familiares possuem acerca da sua relação com outros membros, abrangendo, deste modo, a proximidade afetiva, a comunicação recíproca e a compreensão mútua; (2) a Solidariedade Associativa, por outro lado, engloba o tipo e a frequência dos contactos face-a-face, por telefone, por correio e por e-mail entre os membros familiares nos últimos 12 meses; (3) a Solidariedade Consensual diz respeito à concordância ou não de opiniões, valores e de orientações entre gerações; (4) a Solidariedade Funcional Dada e Recebida que engloba a assistência, o apoio dado e recebido entre os elementos familiares, como por exemplo, nas tarefas domésticas, transporte de pessoas e compras, cuidados de saúde, cuidados de higiene e beleza, ajuda para alimentar-se ou vestir, informações ou conselhos, afeto, tomada de decisões, atividades recreativas, organização de festas de família, tomar conta de crianças, dinheiro ou compra de bens, pagamento de serviços, partilha de domicílio; (5) a Solidariedade Normativa engloba expectativas no que se refere às obrigações dos filhos e dos pais e também, às normas acerca da importância dos valores familiares; (6) a Solidariedade Estrutural refere-se à proximidade geográfica entre os dois elementos familiares; por último, (7) a Solidariedade Conflitual que remete para o grau de crítica, tensão ou desacordo entre os elementos familiares.

Apesar do instrumento original conter as sete escalas descritas, neste estudo apenas utilizámos Solidariedade Funcional Dada e Recebida, a Solidariedade Normativa, a Solidariedade Conflitual. e por fim, a Solidariedade Afetiva. Optámos por utilizar este instrumento por se encontrar validado para a população portuguesa e por abarcar as dimensões que são centrais nesta investigação.

Antes de procedermos à análise exploratória do instrumento, tivemos em consideração os resultados de Monteiro (2010). A autora optou por uma estrutura fatorial de três fatores - a solidariedade normativa, a solidariedade afetiva não conflitual e solidariedade funcional dada. Considerando o facto desta análise fatorial ter incidido numa população muito específica de mães e filhas adultas, estas análises foram repetidas na presente investigação.

Antes da realização de uma nova análise exploratória, avaliou-se o valor de KMO ( $KMO = .857$ ;  $p = <0.01$ ), que determinou que poderíamos avançar com a análise fatorial. Embora fosse possível extrair na solidariedade funcional recebida três fatores seguindo o critério de Kaiser, explicando 76,81% da variância, sendo estes muito correlacionados e considerando o número reduzido de itens decidiu-se considerar a escala unidimensional. O mesmo aconteceu para a a solidariedade funcional dada que também os três fatores extraídos são muito correlacionados e explicam 75,29% da variância. O mesmo procedimento foi utilizado para a solidariedade afetiva que foi também considerada unidimensional após ter extraído 2 fatores correlacionados que explicavam 86,72% da variância. Na solidariedade normativa, foi extraído apenas um fator que explica 66,07% da variância. Na solidariedade conflitual, onde também apenas foi extraído um fator que explica 56,215% da variância.

A partir da análise realizada para confirmar a consistência interna através do *Alpha* de *Cronbach*, é possível concluir que todas as dimensões apresentam uma boa consistência interna, sendo que, na solidariedade funcional recebida o *Alpha* de *Cronbach* é de .91, na solidariedade funcional dada é de .92, na solidariedade normativa é de .72, na solidariedade conflitual é de .88 e por fim, na solidariedade afetiva é de .93.

#### **3.2.4. Hope Scale (Snyder et al., 1991)**

Com o objetivo de medir o nível de esperança nos indivíduos participantes na investigação, foi utilizada a *Hope Scale* (ver Anexo 4). Este instrumento foi desenvolvido por Snyder e colaboradores em 1991, mas foi utilizada a sua adaptação para a língua portuguesa de

Marques e colaboradores (2014) (ver Anexo 3). Esta escala é composta por 12 itens – 4 dos quais pretendem medir a *agency* ou iniciativa, outros 4 pretendem medir os *pathways* ou caminhos e, existindo ainda mais quatro itens distratores (Snyder, 2002). Estes últimos 4 itens foram retirados da presente investigação devido à elevada extensão do questionário, perfazendo a escala final um total de 8 itens. Na sua forma original, a escala de resposta é de tipo *Likert* de 8 itens (de 1 - *Totalmente Falso* a 8 - *Totalmente Verdadeiro*) que foi respeitada na presente investigação. Optamos por utilizar este instrumento por já se encontrar validado para a população portuguesa, por ser extensamente utilizado, incluindo com populações não heterossexuais. Também é de salientar tratar-se de um instrumento breve e de fácil compreensão para os participantes. Tivemos ainda em consideração os resultados obtidos por Marques e colaboradores (2014) relativos à consistência interna da escala (*Alpha* de *Cronbach* de .82) que demonstra uma boa consistência interna. No presente estudo, após a análise exploratória foi extraído um fator que explica 58,934 da variância total da escala, verificando-se também que o mesmo possuía uma elevada consistência interna (*Alpha* = .89).

### **3.3.Procedimento de Recolha de Dados**

A participação no estudo foi realizada mediante o princípio do consentimento informado dos participantes, ou seja, estes foram esclarecidos no próprio questionário acerca do carácter voluntário da sua participação, podendo desistir a qualquer momento (Anexo 1).

De modo a que os participantes se tornassem mais acessíveis, a administração dos questionários foi realizada através do *software LimeSurvey* que permite a aplicação de questionários *online*. Este método possibilita que os participantes, através do ciberespaço, respondam às questões que lhes são colocadas com pleno anonimato, facilitando uma autêntica exposição de si (Santos, 2009). Tal torna-se de especial importância quando, como acontece na presente investigação, pretendemos aceder a população com uma orientação sexual dita não normativa. Assim, o contacto face-a-face tornaria-se mais moroso e de maior dificuldade.

Para facilitar o estudo das variáveis e hipóteses de estudo e tendo em consideração que o questionário *online* continha quatro diferentes investigações, o mesmo foi dividido em dois através de duas hiperligações distintas. O primeiro destinava-se aos respondentes que tinham filhos e o segundo aos que não tinham filhos. Como na presente investigação não se pretendia estudar diferenças no que concerne à existência de filhos ou de um papel parental, apenas foram

utilizados os resultados do segundo questionário. Assim, após a preparação do questionário no *LimeSurvey* foram fornecidas aos participantes as duas hiperligações, como referido anteriormente, com um texto simples, através do qual os sujeitos poderiam compreender os objetivos do estudo.

As questões foram introduzidas de forma conveniente, sendo que foi respeitado o seu formato original, concretamente no que concerne às escalas tipo *Likert* e aos itens correspondentes. Apenas algumas das questões do questionário foram colocadas como “obrigatórias”, tais como a data de nascimento, o sexo/género, a orientação/identidade sexual e a existência de uma relação do tipo romântico ou conjugal. As restantes questões não foram colocadas como “obrigatórias” visto que não era objetivo da investigação que os seus participantes respondessem a questões que considerassem que poderiam invadir a sua privacidade e comprometer o seu bem-estar.

O questionário apresentado foi composto por 21 secções. A primeira contemplava o objetivo do estudo, os requisitos, a duração, os potenciais riscos e benefícios, o anonimato das respostas, o direito de desistir, a aprovação ética e por último, o contacto do investigador, para que deste modo os participantes pudessem responder de forma informada e que compreendessem que poderiam desistir a qualquer momento. Na segunda secção, os participantes apenas poderiam continuar o questionário se assegurarem que teriam mais de 18 anos de idade, que o estudo lhes teria sido explicado, que teriam compreendido que toda a informação é anónima e que aceitariam as condições do estudo. Na terceira e quarta secções, estava contemplado o questionário sociodemográfico. Na oitava secção encontrava-se o instrumento *Hope* e por último na décima sexta secção até à vigésima encontrava-se o instrumento da solidariedade familiar intergeracional. Nas restantes secções encontravam-se os restantes instrumentos necessários para outras investigações, como foi referido anteriormente.

Com o objetivo de divulgar o mais possível a presente investigação, foram iniciados contactos pessoalmente e através da internet com instituições que trabalham diretamente com a população LGBT em Portugal, sendo que algumas dessas voluntariaram-se a divulgar o estudo. Recorreu-se também aos contactos pessoais, tanto pessoalmente como através do correio eletrónico e da rede social *Facebook*.

O questionário esteve ativo entre 5 de Março de 2015 e 7 de Abril de 2015, perfazendo de

530 questionários respondidos na sua totalidade e por indivíduos com mais de 18 anos de idade.

### **3.4.Procedimento de Análise dos Dados**

Após a recolha dos questionários *online*, procedeu-se à sua inclusão numa base de dados construída para o efeito. O tratamento estatístico dos dados foi efetuado através do programa SPSS (*Statistical Package for Social Sciences*), versão 22.

Após a eliminação dos *outliers* e dos casos com dados omissos, foram verificados os pressupostos de normalidade no que concerne à distribuição da amostra, quer nas variáveis sociodemográficas, quer nas variáveis retiradas dos instrumentos, as análises assentaram em análises do *Alpha* de *Cronbach* e de variância uni e multi fatoriais (ANOVA; Teste T).

## Capítulo V: Apresentação e Descrição dos Resultados

### 1. Análise Descritiva dos Resultados

#### 1.1. Dados Sociodemográficos

A amostra é constituída por 268 sujeitos do sexo feminino (50,6% da amostra) e 262 do sexo masculino (49,4%), com idades superior a 18 anos ( $M = 31$  anos;  $DP = 9,43$ ). No que concerne ao nível de escolaridade dos participantes, 11 concluíram o 6º ou 9º anos de escolaridade (2,1%), 142 concluíram o ensino secundário (26,8%) por último, 376 concluíram o ensino superior (70,9%). No que respeita ao local de residência, 319 participantes referem viver numa grande cidade (60,2%), 147 numa pequena cidade (27,7%), 56 numa vila ou aldeia (10,6%) e por último, 7 numa área rural (1,3%). Por último, relativamente à orientação sexual, 291 sujeitos assumem-se como heterossexuais (54,9%) e 239 como não heterossexuais (45,1%) (cf. Tabela 1).

Tabela 1: Caracterização da amostra relativamente à idade, género, escolaridade, local de residência e orientação sexual

		<i>n</i>	%
<b>Género</b>	Mulher	268	50.6
	Homem	262	49.4
<b>Escolaridade</b>	Ensino Básico (6º/9º anos)	11	2.1
	Ensino Secundário (12º)	142	26.8
	Ensino Superior	376	70.9
<b>Local de Residência</b>	Numa grande cidade	319	60.2
	Numa pequena cidade	147	27.7
	Numa vila/aldeia	56	10.6
	Numa área rural	7	1.3
<b>Orientação Sexual</b>	Heterossexual	291	54.9
	Não Heterossexual	239	45.1

### 1.2. *Hope Scale* (Snyder *et al.*, 1991)

A amostra da presente investigação demonstrou, tendo em consideração a distribuição dos valores numa escala de resposta de 1 a 8 no instrumento que avalia a esperança dos respondentes, uma média de respostas de 6.36 e um desvio padrão de 6.85.

### 1.3. Índice da Solidariedade Familiar Intergeracional (Bengtson & Roberts, 1991)

Tendo em consideração a escala de resposta de 1 a 6 no instrumento que avalia a perceção de solidariedade familiar intergeracional, os respondentes apresentam variações nas médias de respostas nos diversos tipos de solidariedade, sendo todos os valores superiores ao ponto médio da escala (cf. Tabela 2).

Tabela 2: Análises Descritivas do Índice da Solidariedade Familiar Intergeracional

	<i>M</i>	<i>DP</i>
<b>Solidariedade Funcional Recebida</b>	4.29	1.30
<b>Solidariedade Funcional Dada</b>	4	1.37
<b>Solidariedade Normativa</b>	4.55	0.98
<b>Solidariedade Conflitual</b>	3.73	1.39
<b>Solidariedade Afetiva</b>	4.56	1.21

## 2. Análises Inferenciais

Visto que foram cumpridos os critérios de normalidade da presente amostra no Índice de Solidariedade Intergeracional (índices elevados de  $Sk = .417$  e de  $Ku = .077$ ) e na *Hope Scale* ( $Sk = -.845$ ;  $Ku = 1.711$ ), adaptando o critério de Múthen e Kaplan (1985), segundo o qual os valores desde que não fossem superiores a 2.00, a distribuição poderia ser considerada normal, recorreu-se a testes paramétricos (ANOVA's e Teste t de *student* para amostras emparelhadas)

para compreender a relação entre as diferentes variáveis. A apresentação dos resultados será organizada em função das nossas hipóteses.

## **2.1.Diferenças de percepção de apoio familiar em função da orientação sexual**

As seguintes análises tiveram como objetivo avaliar as diferenças entre as várias dimensões da solidariedade familiar intergeracional em função da orientação sexual, assim como variações em função do género dos pais e dos filhos.

- **H1a:** Os indivíduos com uma orientação sexual não normativa pensam ter um menor apoio familiar em comparação com indivíduos heterossexuais.

Com o objetivo de verificar se os indivíduos não heterossexuais percebem um menor apoio familiar em comparação com os indivíduos heterossexuais, recorremos a uma ANOVA unifatorial. Sendo um dos pressupostos desta análise, a homogeneidade das variâncias, esta foi verificada através do Teste de *Levene*. É possível verificar-se que as variâncias da solidariedade familiar intergeracional são homogêneas visto não existirem diferenças estatisticamente significativas ( $p = .480$ ). Quando analisadas cada uma das dimensões individualmente é possível confirmar também a homogeneidade das variâncias na solidariedade funcional recebida ( $p = .150$ ), na solidariedade funcional dada ( $p = .554$ ), na solidariedade normativa ( $p = .54$ ), na solidariedade conflitual ( $p = .910$ ) e na solidariedade afetiva ( $p = .026$ ).

Após verificada a homogeneidade das variâncias, foi possível denotar, no que concerne à análise da escala total (ESI Total), que não se verificam diferenças estatisticamente significativas na percepção de solidariedade familiar em função da orientação sexual ( $p = .187$ ).

Quando analisadas cada uma das dimensões do instrumento discriminadamente, é possível observar que em todas as dimensões, à exceção da solidariedade funcional recebida e dada, existem efetivamente diferenças estatisticamente significativas na percepção de solidariedade familiar em função da orientação sexual. Quando analisadas as médias em cada uma das dimensões do instrumento constata-se que os indivíduos não heterossexuais percebem menor apoio familiar em termos normativos e afetivos. Apenas na solidariedade conflitual é que se verifica que os sujeitos não heterossexuais demonstram uma média superior quando comparados

com sujeitos heterossexuais. Assim, indivíduos LGB não percebem uma menor solidariedade funcional mas apresentam um maior conflito com os pais do que sujeitos heterossexuais e sentem-se menos apoiados em termos afetivos e normativos, validando deste modo, parcialmente a hipótese elaborada inicialmente (cf. Tabela 3).

Tabela 3: Diferenças entre a Percepção de Solidariedade Familiar e a Orientação Sexual

		Não Heterossexuais	Heterossexuais	<i>df</i>	<i>F</i>	<i>P</i>	<i>ETA</i> <sup>2</sup>
<b>S. Funcional Recebida</b>	<u><i>M</i></u>	4.20	4.37	1,339	1.49	.222	.004
	<u><i>DP</i></u>	(1.37)	(1.25)				
<b>S. Funcional Dada</b>	<u><i>M</i></u>	3.96	4.04	1,343	.34	.560	.001
	<u><i>DP</i></u>	(1.41)	(1.34)				
<b>S. Normativa</b>	<u><i>M</i></u>	4.38	4.70	1,366	9.49	.002	.025
	<u><i>DP</i></u>	(1.03)	(0.92)				
<b>S. Conflitual</b>	<u><i>M</i></u>	3.96	3.55	1,347	7.89	.005	.022
	<u><i>DP</i></u>	(1.41)	(1.36)				
<b>S. Afetiva</b>	<u><i>M</i></u>	4.38	4.70	1,35	6.19	.013	.018
	<u><i>DP</i></u>	(1.34)	(1.10)				
<b>ESI Total</b>	<u><i>M</i></u>	4.12	4.26	1,299	1.75	.187	.006
	<u><i>DP</i></u>	(0.89)	(0.84)				

- **H1b.** Os indivíduos não heterossexuais do género feminino pensam ter um maior apoio familiar em comparação com indivíduos não heterossexuais do género masculino, sendo esta diferença mais ampla do que entre indivíduos heterossexuais.

No que se refere à análise da variância da solidariedade intergeracional em função do género e da orientação sexual, foi realizada uma análise de variância separando a amostra em

quatro grupos de análise diferenciados em função do género e da orientação sexual - mulheres heterossexuais, mulheres não heterossexuais, homens heterossexuais e por fim, homens não heterossexuais, de modo a verificar se existem diferenças entre eles em cada uma das escalas da solidariedade familiar intergeracional, espelhando assim a interação entre os fatores de diferenciação. Esta análise evidenciou um efeito de interação entre o género e a orientação sexual na solidariedade funcional recebida, na solidariedade normativa e na solidariedade conflitual. Na solidariedade funcional recebida e na solidariedade normativa existem diferenças estatisticamente significativas entre as mulheres não heterossexuais e os homens não heterossexuais, sendo que estes últimos apresentam resultados superiores enquanto não foram observadas diferenças de género nos heterossexuais. Relativamente à solidariedade conflitual, contudo, contrariamente às previsões não existem diferenças estatisticamente significativas entre homens e mulheres não heterossexuais, mas entre homens e mulheres heterossexuais infirmo a nossa hipótese. Os níveis de solidariedade conflitual das mulheres são significativamente superiores aos dos homens. Nas solidariedades funcional dada e na solidariedade afetiva não foram observadas diferenças entre grupos.

Assim, é possível concluir, que ao contrário do que era esperado, os homens apresentam maior perceção de solidariedade familiar em termos funcionais e normativos, infirmo a hipótese inicialmente elaborada (cf. Tabela 4).

Tabela 4: Análise da Variância da Solidariedade Intergeracional em Função da Orientação Sexual e do Género

		<b>M.</b>	<b>M. não</b>	<b>H.</b>	<b>H. não</b>	<i>df</i>	<i>F</i>	<i>p</i>	<i>ETA</i> <sup>2</sup>
		<b>Heteros.</b>	<b>Heteros.</b>	<b>Heteros.</b>	<b>heteros.</b>				
<b>S. Funcional</b>	<b><i>n</i></b>	98	70	94	70				
	<b><i>M</i></b>	4.43 <sup>a</sup>	3.90 <sup>b</sup>	4.31 <sup>a</sup>	4.46 <sup>a</sup>	3,337	3.01	.030	.026
	<b><i>DP</i></b>	(1.24)	(1.26)	(1.26)	(1.41)				
<b>S. Funcional</b>	<b><i>n</i></b>	99	74	96	76				
	<b><i>M</i></b>	4.17 <sup>a</sup>	3.77 <sup>a</sup>	3.91 <sup>a</sup>	4.15 <sup>a</sup>	3,341	1.66	1.76	.014
	<b><i>DP</i></b>	(1.38)	(1.30)	(1.30)	(1.50)				
<b>S. Normativa</b>	<b><i>n</i></b>	103	82	100	83				
	<b><i>M</i></b>	4.63 <sup>a</sup>	4.22 <sup>b</sup>	4.76 <sup>a</sup>	4.54 <sup>a</sup>	3,364	4.89	.002	.039
	<b><i>DP</i></b>	(0.97)	(1.04)	(0.87)	(1.00)				

<b>S. Conflitual</b>	<b><i>n</i></b>	98	79	97	81				
	<b><i>M</i></b>	3.70 <sup>a</sup>	3.83 <sup>a</sup>	3.40 <sup>b</sup>	4.10 <sup>a</sup>	3,351	3.90	.009	.032
	<b><i>DP</i></b>	(1.44)	(1.21)	(1.28)	(1.57)				
<b>S. Afetiva</b>	<b><i>n</i></b>	99	78	96	76				
	<b><i>M</i></b>	4.71 <sup>a</sup>	4.24 <sup>a</sup>	4.70 <sup>a</sup>	4.52 <sup>a</sup>	3,345	2.80	.040	.024
	<b><i>DP</i></b>	(1.20)	(1.20)	(0.99)	(1.46)				

- **H1c:** Os indivíduos não heterossexuais percecionam as suas mães como mais apoiantes em comparação com os seus pais.

Com o objetivo de testar a presente hipótese que pretende compreender se os indivíduos não heterossexuais percecionam as suas mães como mais apoiantes em comparação com os seus pais, recorreu-se a um teste t para amostras emparelhadas. Deste modo, foram selecionados apenas os sujeitos LGB, comparando a sua perceção de apoio familiar nas diferentes dimensões do índice de solidariedade familiar intergeracional e na escala total (ESI Total). A escala da solidariedade normativa não foi incluída nesta análise, visto as suas respostas não diferenciarem a solidariedade das duas figuras parentais. Através da presente análise foi possível observar, através do resultado da escala total que não existem diferenças estatisticamente significativas entre a solidariedade familiar em função do género dos pais.

Por outro lado, quando analisadas cada uma das dimensões do instrumento, é possível verificar que existem diferenças estatisticamente significativas na solidariedade conflitual, sendo que os sujeitos não heterossexuais demonstram um maior conflito com o pai do que com a mãe. Nas restantes dimensões, não existem diferenças estatisticamente significativas. Assim, podemos afirmar que não existem diferenças estatisticamente significativas na perceção de solidariedade afetiva e funcional recebida por parte do pai ou da mãe ou dada ao pai ou à mãe, validando apenas parcialmente a hipótese elaborada inicialmente (cf. Tabela 5)

Tabela 5: Diferenças na percepção da solidariedade intergeracional familiar em função do gênero dos pais em sujeitos não heterossexuais (t-test para amostras emparelhadas)

		<b>Mãe</b>	<b>Pai</b>	<i>df</i>	<i>t</i>	<i>p</i>	<b>d de Cohen</b>
<b>S. Funcional Recebida</b>	<u><i>M</i></u>	4.30	4.09				
	<u><i>DP</i></u>	(1.51)	(1.79)	1,148	1.35	.179	.127
<b>S. Funcional Dada</b>	<u><i>M</i></u>	4.01	3.90				
	<u><i>DP</i></u>	(1.48)	(1.83)	1,149	.70	.482	.063
<b>S. Conflitual</b>	<u><i>M</i></u>	3.70	4.23				
	<u><i>DP</i></u>	(1.59)	(1.75)	1,159	-3.65	<0.01	-.317
<b>S. Afetiva</b>	<u><i>M</i></u>	4.50	4.26				
	<u><i>DP</i></u>	(1.46)	(1.74)	1,153	1.68	.096	.149
<b>ESI Total</b>	<u><i>M</i></u>	4.05	4.06				
	<u><i>DP</i></u>	(1.12)	1.37	1,127	-0.02	.981	-.008

Embora não fizesse parte da nossa hipótese, quisemos ainda verificar se existe um efeito de gênero dos filhos na percepção da solidariedade familiar intergeracional em função do gênero dos pais, bem como observar se estas diferenças também se observam nos sujeitos heterossexuais. Para tal foi realizado um teste t para amostras emparelhadas, onde apenas é analisada a solidariedade conflitual, sendo que foi a única onde foram verificadas anteriormente diferenças estatisticamente significativas.

Através da presente análise é possível verificar que existem diferenças estatisticamente significativas entre a percepção de solidariedade conflitual tanto em mulheres não heterossexuais como em mulheres e homens heterossexuais, sendo que todos manifestam um maior conflito com o pai do que com a mãe. No caso dos homens não heterossexuais, não existem diferenças estatisticamente significativas na solidariedade conflitual percebida relativamente ao pai e à mãe (Cf. Tabela 6).

Tabela 6: Diferenças na percepção de solidariedade conflitual em função do género dos pais e dos filhos (t-test para amostras emparelhadas)

		<b>Mãe</b>	<b>Pai</b>	<b>df</b>	<b>t</b>	<b>p</b>	<b>d de Cohen</b>
<b>Mulheres não Heterossexuais</b>	<u><b>M</b></u>	3.49	4.16	78	-3.47	.001	-.453
	<u><b>DP</b></u>	(1.30)	(1.64)				
<b>Homens não Heterossexuais</b>	<u><b>M</b></u>	3.90	4.29	80	-1.80	.075	-.213
	<u><b>DP</b></u>	(1.81)	(1.86)				
<b>Mulheres Heterossexuais</b>	<u><b>M</b></u>	3.55	3.84	97	-1.99	.048	-.178
	<u><b>DP</b></u>	(1.56)	(1.69)				
<b>Homens Heterossexuais</b>	<u><b>M</b></u>	3.19	3.61	96	-3.13	.002	-.292
	<u><b>DP</b></u>	(1.17)	(1.66)				

## 2.2.Diferenças de percepção de apoio familiar em função da esperança.

As seguintes análises tiveram como objetivo analisar o nível de esperança dos participantes em função da percepção solidariedade familiar, da orientação sexual e do género.

- **H2a.** Indivíduos heterossexuais apresentam maiores índices de esperança quando comparados com indivíduos não heterossexuais.

Para testar a presente hipótese que pretende compreender se os indivíduos heterossexuais apresentam maiores índices de esperança comparativamente com indivíduos não heterossexuais foi realizada uma ANOVA unifatorial. Através desta foi analisada a homogeneidade das variâncias dos grupos através do teste de *Levene*, onde foi possível verificar que as variâncias são homogéneas ( $p = .821$ ).

Foi também possível observar que não existem diferenças estatisticamente significativas de esperança em função da orientação sexual dos participantes ( $F(1,499) = 2.90; p = .089$ ).

Assim, é possível concluir que indivíduos heterossexuais não apresentam maiores índices de esperança que indivíduos não heterossexuais infirmo, deste modo, a hipótese elaborada inicialmente.

- **H2b.** Indivíduos não heterossexuais do género feminino apresentam maiores índices de esperança do que indivíduos não heterossexuais do género masculino.

De modo a compreender se os indivíduos não heterossexuais do género feminino apresentam maiores índices de esperança quando comparados com indivíduos não heterossexuais do género masculino, recorreu-se a uma ANOVA unifatorial, onde apenas foram seleccionados os indivíduos LGB e separados consoante o seu género. Através desta análise foi possível verificar que não existem diferenças estatisticamente significativas entre a esperança e o género dos participantes ( $F(1,225) = 2.58; p = .110$ ). Assim, indivíduos não heterossexuais do género feminino não apresentam maiores índices de esperança quando comparados com indivíduos não heterossexuais do género masculino, infirmo, deste modo, a hipótese elaborada inicialmente.

- **H2c.** Indivíduos com maiores índices de esperança pensam ter um maior apoio familiar do que indivíduos com menores índices de esperança independentemente da orientação sexual.

Para verificar esta hipótese que tem como objetivo compreender se os indivíduos que apresentam maiores índices de esperança apresentam também maior perceção de apoio familiar intergeracional em comparação com indivíduos com menores índices de esperança independentemente da sua orientação sexual, a variável “esperança” foi dicotomizada distinguindo os níveis mais baixos de esperança (valores inferiores na mediana) dos níveis mais altos (valores superiores na mediana). Além disso, foi analisada a homogeneidade das variâncias dos grupos para a solidariedade intergeracional através do teste de *Levene*. Foi possível verificar que as variâncias da *Hope Scale* são homogéneas ( $p = .360$ ). Quando analisadas individualmente as dimensões da solidariedade funcional recebida ( $p = .991$ ), da solidariedade funcional dada ( $p = .057$ ), da solidariedade normativa ( $p = .075$ ) e da solidariedade conflitual ( $p = .834$ ) é possível

confirmar a homogeneidade das variâncias. Apenas na dimensão da solidariedade afetiva é que se verificou heterogeneidade ( $p = .013$ ) razão para a qual será utilizado um teste t para variâncias heterogêneas.

Sempre que se verificou a homogeneidade das variâncias, foi conduzida uma análise de variância multifatorial em função da esperança e da orientação sexual (2x2). A ANOVA mostrou que na escala total de solidariedade familiar intergeracional (ESI Total) não existe um efeito principal da orientação sexual ( $F(1,297) = .522; p = .470$ ), existe um efeito principal da esperança ( $F = 9.97; p = .002$ ) e não existe efeito de interação entre orientação sexual e esperança ( $F = .004; p = .950$ ). Quando analisadas cada uma das dimensões do instrumento, é possível observar que na solidariedade funcional recebida, não existe efeitos principais da orientação sexual ( $F(1,337) = 1.43; p = .232$ ), ou da esperança ( $F = 5.38; p = .464$ ), nem efeito de interação ( $F = 1.91; p = .276$ ). Não existe diferença significativa de solidariedade funcional dada, nem em função da orientação sexual ( $F(1,341) = .131; p = .717$ ), nem em função da esperança ( $F = 10.76; p = .001$ ) nem da sua interação ( $F = .844; p = .359$ ). Na solidariedade normativa existe um efeito da orientação sexual ( $F(1,364) = 7.033; p = .005$ ), da esperança ( $F = 19.63; p = .<001$ ) e marginal da interação ( $F = 3.81; p = .052$ ). Na solidariedade conflitual só existe um efeito principal da orientação sexual ( $F(1,351) = 7.73; p = .006$ ), sem efeito da esperança ( $F = .005; p = .942$ ) ou da interação entre as duas ( $F = 3.20; p = .072$ ). Finalmente para a solidariedade afetiva, foi realizado um teste t para variâncias heterogêneas que mostrou que existem diferenças estatisticamente significativas entre o nível de esperança dos respondentes e a percepção de solidariedade nos sujeitos heterossexuais ( $t(1.193) = -3.350; p = .001$ ), sendo que o mesmo não se verifica nos sujeitos não heterossexuais ( $t(1.152) = -3.126; p = .007$ ), sinalizando uma clara interação entre orientação sexual e esperança. Deste modo, como se continua a verificar heterogeneidade, foram realizados dois testes t, um com a solidariedade afetiva e com a orientação sexual e outro com a esperança. Assim, verificou-se que existem diferenças estatisticamente significativas entre a solidariedade afetiva e a orientação sexual ( $t(1.347) = 2.431; p = .013$ ) e entre a solidariedade afetiva e a esperança ( $t(1.347) = -3.126; p = .002$ ).

Deste modo, a partir da tabela 7 é possível concluir que efetivamente, pessoas com maiores índices de esperança apresentam maior percepção de apoio familiar em comparação com pessoas com menores índices de esperança, independentemente da orientação sexual na escala da

solidariedade familiar total e de solidariedade funcional dada, validando a hipótese inicialmente elaborada. Nas solidariedades normativa e afetiva, este efeito diferenciador da esperança varia em função da orientação sexual: na primeira é mais intenso para os participantes não heterossexuais e a segunda só se manifesta de modo significativo nos participantes heterossexuais validando parcialmente a hipótese inicialmente elaborada visto que se os efeitos da esperança se manifestam no sentido esperado, não são independentes da orientação sexual. Finalmente na solidariedade funcional recebida e na solidariedade conflitual, nenhuma diferença em função da esperança foi identificada, infirmando a nossa hipótese.

Tabela 7: Médias de solidariedade familiar intergeracional em função da orientação sexual e da esperança

		Hetero. Alta Espe- rança	Hetero. Baixa Espe- rança	Não Hetero. Alta Espe- rança	Não Hetero. Baixa Espe- rança	Total Alta Espe- rança	Total Baixa Espe- rança	<i>ETA</i> <sup>2</sup>
<b>S. Funcional Recebida</b>	<b><u>M</u></b>	4.49	4.23	4.16	4.21	4.36	4.22	.003
	<b><u>DP</u></b>	(1.29)	(1.18)	(1.39)	(1.35)	(1.30)	(4.36)	
<b>S. Funcional Dada</b>	<b><u>M</u></b>	4.33	3.71	4.14	3.79	4.25	3.75	.034
	<b><u>DP</u></b>	(1.30)	(1.31)	(1.43)	(1.38)	(1.35)	(1.34)	
<b>S. Normativa</b>	<b><u>M</u></b>	4.81	4.56	4.72	4.09	4.77	4.33	.050
	<b><u>DP</u></b>	(.91)	(.91)	(1.02)	(.95)	(.95)	(.96)	
<b>S. Conflitual</b>	<b><u>M</u></b>	3.58	3.50	3.91	4.00	3.71	3.75	.001
	<b><u>DP</u></b>	(1.44)	(1.27)	(1.35)	(1.45)	(1.41)	(1.38)	
<b>S. Afetiva</b>	<b><u>M</u></b>	4.94	4.43	4.49	4.27	4.76	4.36	.004
	<b><u>DP</u></b>	(1.08)	(1.05)	(1.42)	(1.26)	(1.25)	(1.15)	
<b>ESI Total</b>	<b><u>M</u></b>	3.62	3.36	3.57	3.29	3.60	3.33	.000
	<b><u>DP</u></b>	(.74)	(.67)	(.77)	(.70)	(.75)	(.68)	

### **3. Discussão dos Resultados**

A presente investigação tem como objetivo geral compreender em que medida a percepção de solidariedade familiar é diferente na população LGB e heterossexual, observando se a esperança poderia servir como fator moderador nesta relação. Como tal, após a análise dos resultados, nesta secção, segue-se a discussão desses mesmo resultados apresentados pela ordem das hipóteses de investigação.

#### ***- Relação entre a Percepção de Solidariedade Familiar e a Orientação Sexual***

Os resultados obtidos indicam que, embora não existam diferenças significativas entre a percepção de solidariedade familiar em função da orientação sexual quando analisada a escala total, existem diferenças estatisticamente significativas quando analisadas algumas das dimensões individualmente. Assim, na solidariedade normativa, conflitual, e afetiva verificam-se diferenças estatisticamente significativas entre os grupos. Sendo que é possível verificar que os sujeitos não heterossexuais percebem menor solidariedade intergeracional do que os heterossexuais em termos normativos e afetivos. Na solidariedade conflitual confirma-se que os sujeitos não heterossexuais manifestam um maior conflito com os pais do que os heterossexuais, sendo indicador de uma menor solidariedade.

Tais resultados parecem ir de encontro à literatura. Segundo D'Augelli e colaboradores (1998) os sujeitos LGB são muitas vezes vítimas de abuso verbal e físico por parte dos seus pais, podendo experimentar elevados graus de ambivalência por parte destes e pela restante família. Também Huegel (2011) refere que muitos destes sujeitos, após revelarem a sua orientação sexual não normativa relatam um aumento significativo da vitimização em casa, sendo a relação mais conflitual. Mesmo os indivíduos que não fazem esta revelação, temem receber reações negativas por parte dos pais a revelações futuras (D'Augelli & Hershberger, 1993), podendo isto espelhar o facto de sentirem que recebem menos apoio familiar afetivo, visto não se conformarem com a norma. Também Wilson e colaboradores (2011) referem que a população LGB manifesta maiores problemas nas redes sociais de apoio, não só por parte dos amigos, mas também por parte da família, quando comparados com heterossexuais. Sentem deste modo, menor apoio familiar quando comparados com pessoas da mesma faixa etária com uma orientação sexual normativa (Needham & Austin, 2010). Contudo, esta percepção de menor

proximidade normativa, menor apoio afetivo e maior conflito não se traduz em diferenças de apoio funcional. Este apoio parece assim ser relativamente independente de outras formas de apoio.

***- Relação entre a Orientação Sexual e a Percepção de Apoio Familiar em Função do Género dos Filhos***

Os resultados obtidos demonstram uma ausência de diferenças entre o género dos filhos e da sua orientação sexual na percepção de apoio familiar total, reforçando os resultados anteriores. Quando analisadas cada uma das dimensões da escala, é possível verificar que existem diferenças estatisticamente significativas na solidariedade funcional recebida e na solidariedade normativa. Contrariamente à nossa hipótese, as mulheres não heterossexuais percecionam uma menor solidariedade intergeracional do que os homens não heterossexuais, embora não se observem diferenças entre homens e mulheres heterossexuais confirmando as pretensões, neste ponto. Além disso, quando analisada a solidariedade conflitual é possível verificar que não há diferenças entre homens não heterossexuais e mulheres não heterossexuais, infirmo a nossa hipótese. Contudo, os homens heterossexuais percecionam menor solidariedade conflitual por parte dos pais do que as mulheres.

Tais evidências vêm opor-se a grande parte da literatura que refere que as mulheres em geral e as mulheres não heterossexuais, em particular, manifestam consideravelmente maior percepção de solidariedade intergeracional do que os homens (Lynch, 1998; Pearson & Wilkinson, 2013).

Todavia, um estudo realizado por Cooper, Brown Metzger, Clinton e Guthrie (2012) na população em geral com adolescentes afro-americanos, demonstrou que os rapazes recebem mais apoio dos seus pais, reportando maiores níveis de proximidade com estes, quando comparados com raparigas da mesma faixa etária.

Uma possível explicação para este resultado não ir de encontro a grande parte da literatura, poderá dever-se ao facto de que os homens do nosso estudo percecionam uma maior proximidade dos valores familiares dos pais, como é possível verificar pelos resultados provenientes da solidariedade normativa, e por isso, serão à partida mais sensíveis ao apoio que recebem por parte destes em muitos domínios da sua existência, já que estes apoios correspondem às expectativas no que se refere às obrigações parentais. Isto

não os leva, contudo, a dar mais apoio aos seus pais nem a sentir maior apoio afetivo do que as mulheres, mas somente a elevar os seus níveis médios de modo a alcançar o nível das mulheres. Esta proximidade normativa não está associada a percepção de conflito, que confirma a literatura existente para os participantes heterossexuais, a relação pai/filho sendo tradicionalmente mais conflituosa que a relação mãe-filho.

***- Relação entre a Orientação Sexual e a Percepção de Solidariedade Familiar em Função do Género dos Pais***

Os resultados obtidos indicam a ausência de diferenças na percepção de solidariedade familiar em função do género dos pais nos sujeitos não heterossexuais, quando analisada a escala da solidariedade familiar intergeracional total. Na maioria das dimensões, também não se verificaram diferenças estatisticamente significativas entre os grupos. Todavia quando analisada a percepção de solidariedade conflitual, é possível denotar que existem diferenças estatisticamente significativas, sendo que a maioria dos participantes manifesta uma relação mais conflituosa com o pai do que com a mãe. As nossas análises complementares tiveram como objetivo compreender diferenças na percepção de solidariedade conflitual em função do género dos pais, comparando os quatro grupos (mulheres e homens heterossexuais e não heterossexuais) da presente investigação em simultâneo. Assim, foi possível verificar que os homens heterossexuais, as mulheres heterossexuais e não heterossexuais demonstram diferenças estatisticamente significativas nesta análise, sendo que todos estes percebem maior conflito do pai do que com a mãe. Porém, quando analisado o grupo dos homens não heterossexuais, essas diferenças não se verificam. Por outras palavras, estes últimos não percebem nenhum dos elementos parentais como mais conflituoso, ao contrário do que era esperado na presente investigação. Se tais resultados confirmam a literatura existente para os participantes heterossexuais e para as mulheres, LaSala (2010) afirma que os jovens mesmo na população em geral, desenvolvem normalmente uma relação com base na proximidade, consistência e carinho com as suas mães e tendem a ter uma relação mais distante com os seus pais. Também Swartz (2009) refere que filhos adultos manifestam uma maior proximidade com as suas mães do que com os seus pais. Tais diferenças poderão dever-se ao maior envolvimento das mulheres no cuidados aos filhos e ao facto de em situação de divórcio, serem normalmente as mães a ficarem com a guarda legal destes.

Contudo os resultados que indicam que os homens não heterossexuais não percebem maior conflito por parte dos seus pais do que por parte das suas mães não vai de encontro à literatura existente. Segundo vários autores (D'Augelli & Hershberger, 1993; D'Augelli et al., 1998; Savin-Williams & Ream, 2003) os sujeitos não heterossexuais realizam o seu *coming out* primeiramente às suas mães, provavelmente porque percebem que estas são menos conflituosas do que os seus pais (Savin-Williams & Ream, 2003). Por isso não é surpreendente que os pais, frequentemente, não tenham conhecimento da orientação sexual dos seus filhos e que quando têm raramente falem abertamente sobre ela (D'Augelli, et al., 1998). Esta menor solidariedade conflitual pode indicar que mesmo os que optam por não fazer essa revelação, antecipam que serão mais aceites pelas suas mães do que pelos seus pais (D'Augelli, et al.; D'Augelli & Hershberger, 1993). Ora, esta diferenciação não se observa para os homens e não foi observada para a percepção de solidariedade afetiva, normativa ou funcional por parte da mãe e do pai. Será a maior solidariedade normativa que torna os sujeitos mais atentos a outras formas de solidariedade provavelmente porque correspondem às expectativas sociais relativas aos papéis parentais. Esta hipótese explicativa deveria ser confirmada em estudos posteriores.

O facto da percepção de maior conflito com o pai que não se observam nos homens não heterossexuais, poderá dever-se ao que refere Savin-Williams (2001). Este autor refere que os homens, ao contrário das mulheres, sentem uma grande necessidade em realizar o seu *coming out* ao seu pai com o objetivo de obter a sua aprovação e apoio. Por outro lado, as mulheres não sentem tanto a necessidade de revelar a este elemento, fazendo-o, normalmente, apenas à sua mãe. Por essa razão, as mulheres poderão entrar em maior conflito com o pai, em comparação com os homens.

#### **- *Relação entre a Orientação Sexual e o Nível de Esperança***

Os resultados obtidos nesta análise indicam que não existem diferenças estatisticamente significativas de níveis de esperança em função da orientação sexual. Por outras palavras, os indivíduos LGB não apresentam, ao contrário do que era esperado, menores índices de esperança quando comparados com sujeitos heterossexuais.

Embora, seja notável a falta de investigações que abordem a diferenciação do nível de esperança em função da orientação sexual, tais resultados não vão de encontro à literatura existente. Segundo Hatzenbuehler e colaboradores (2010) os indivíduos

LGB são frequentemente afastados pela família devido à sua orientação sexual não normativa, não sendo de estranhar que estes apresentem sentimentos de desesperança eessimismo em relação ao futuro. Para além de encontrarem preconceito e rejeição por parte da família, encontram também sentimentos semelhantes na restante sociedade e mais especificamente no local de trabalho. Os sujeitos LGB que encontram preconceito neste contexto podem-se questionar acerca da sua capacidade em alterar esta situação de discriminação e de ter sucesso nas suas carreiras (Kwon, 2013). E por essa razão, seria de esperar que estes indivíduos apresentassem menores índices de esperança do que indivíduos heterossexuais que não encontram este tipo de preconceito, nem rejeição por parte da família.

Por outro lado, torna-se importante salientar que a presente investigação não estudou o *coming out* dos sujeitos LGB, ou seja, não conseguimos ter indicação se os participantes do estudo revelaram a sua orientação sexual à família e à restante sociedade. As investigações sugeriam que apenas quando os indivíduos com uma orientação sexual não normativa realizam o seu *coming out* à família é que são explicitamente rejeitados ou negligenciados (D'Augelli *et al.*, 1998; Armesto & Weisman, 2001; LaSala, 2010) e manifestam menos esperança em relação ao futuro (Hatzenbuehler *et al.*, 2010). Os que decidem não fazer essa revelação não estão tão propensos a ser rejeitados. Assim, o facto dos resultados da presente investigação não irem de encontro a grande parte das restantes investigações pode ser explicado pelo facto dos participantes não terem revelado a sua orientação sexual, salvaguardando assim a sua harmonia familiar e, apresentando deste modo, níveis de esperança em relação ao futuro que não se diferenciam dos dos heterossexuais. Por outro lado, tendo em consideração a média de idades e de nível educacional dos participantes no estudo, estes podem já ter feito a revelação à família e de já não existirem qualquer tipo de problema por parte desta relativamente à sua orientação sexual, permitindo, deste modo, que estes apresentem níveis de esperança próximos dos sujeitos heterossexuais. Tais hipóteses explicativas deveriam ser exploradas em estudos posteriores.

Também torna-se importante salientar que se a esperança pode estar intimamente relacionada com políticas anti-gay de um determinado país (Russel & Richards, 2003), das mudanças recentes observadas em Portugal e das discussões acerca da orientação sexual podem advir novas esperanças. Embora ainda não exista uma plena igualdade de direitos em Portugal, é de notar a visibilidade que os sujeitos LGB têm ganho ao longo dos anos. Em 2010 o casamento entre pessoas do mesmo sexo foi legalizado, podendo ser um importante indicador

que possa contribuir para que a esperança em relação ao futuro aumente.

#### ***- Relação entre o Género e o Nível de Esperança em Sujeitos não Heterossexuais***

Os resultados obtidos nesta análise indicam que não existem diferenças entre a esperança em função do género nos sujeitos não heterossexuais. Por outras palavras os indivíduos não heterossexuais do género feminino não apresentam maiores índices de esperança quando comparados com indivíduos do género masculino.

Seria de esperar que as mulheres apresentassem maiores índices de esperança, visto que, através da literatura, é possível verificar que as mulheres não sofrem tanta discriminação como os homens, sendo que os indivíduos heterossexuais apresentam um maior desconforto com homens *gay* ou bissexuais do que com mulheres lésbicas ou bissexuais (Monto & Supinsky, 2014). Papadaki e colaboradores (2013) referem também que os sujeitos heterossexuais manifestam atitudes menos favoráveis face aos homens com uma orientação sexual não normativa do que face às mulheres.

Todavia, sabemos que o nível de esperança anda a braços com o apoio social (Hagen, Myers e Mackintosh, 2005), sendo que um poderá predizer o outro. Assim sendo, os nossos resultados apontam para uma maior perceção de apoio familiar por parte dos homens do que por parte das mulheres, contrariamente ao que também seria de esperar. Por essa razão, os homens poderão apresentar índices de esperança próximos aos das mulheres por terem também eles, um maior apoio familiar por parte dos seus pais, o que os poderá fazer sentir maior esperança no futuro. Ou, por sua vez, o facto de não revelarem a sua orientação sexual fá-los manter os níveis de esperança.

#### ***- Relação entre o Nível de Esperança, Orientação Sexual e a Perceção de Apoio Familiar***

Os resultados obtidos indicam que existem diferenças estatisticamente significativas entre a perceção de apoio familiar total em função do nível de esperança, sendo que se verifica que uma maior da esperança corresponde a níveis mais elevados de perceção de solidariedade familiar na escala total, provavelmente devido a diferenças na solidariedade funcional dada, na solidariedade normativa e na solidariedade afetiva. Assim, pessoas com maiores índices de esperança percecionam maior apoio familiar do que indivíduos com menores índices de esperança. Os resultados indicam também que o efeito da esperança pode variar em função da

orientação sexual. Tal foi observado no nível da solidariedade normativa, no qual o efeito da esperança é mais intensa nos não heterossexuais, e na solidariedade afetiva no qual só se manifesta nos heterossexuais. Sujeitos com maior nível de esperança partilham mais frequentemente as normas e valores parentais que se os seus níveis fossem mais baixos, sobretudo se não forem heterossexuais.

Tais evidências vão de acordo com grande parte da literatura existente. Segundo um estudo realizado por Kemer e Atik (2011) com estudantes do ensino secundário, existe uma relação significativa entre o nível de esperança e a perceção de apoio familiar embora é difícil especificar o sentido de causalidade. Hagen e colaboradores (2005) por exemplo, referem que o apoio social no geral apresenta uma íntima relação com os níveis de esperança. Assim, sentir amor e orgulho por parte dos elementos familiares representa um importante preditor do nível de esperança, demonstrando, deste modo, que o apoio familiar poderá contribuir para maiores índices de esperança. Contudo é também possível que a esperança possa predizer a perceção de solidariedade familiar.

Torna-se importante salientar que o que avaliamos é a perceção de apoio familiar que poderá não corresponder à realidade do apoio prestado pelos pais aos seus filhos. Segundo Hill e Gunderson (2015) os sujeitos LGB quando apresentam maiores níveis de esperança demonstram expectativas mais positivas e maior capacidade de enfrentar situações negativas e stressantes e relatam maior satisfação com a vida (Kwon & Huegelshofer, 2010). Assim, mesmo que os pais prestem um grande apoio aos seus filhos, se estes tiverem níveis mais baixos de esperança poderão não percecionam este apoio. Tal verifica-se precisamente nos resultados da presente investigação, que sujeitos que manifestam maiores índices de esperança percecionam também, mais facilmente apoio recebido dos seus pais.

Neste domínio, pode ser utilizado também como exemplo uma investigação realizada por Kwon (2013) que teve como objetivo estudar os níveis de esperança e a satisfação com a vida de sujeitos LGB num ambiente de trabalho hostil. Os resultados apontam que um local de trabalho hostil e discriminatório apenas está associado a menores níveis de satisfação com a vida se o sujeito possuir baixos níveis de esperança. A esperança consegue assim, alterar a força desta relação. Por essa razão, acreditamos que o mesmo acontece relativamente à perceção de apoio familiar e que esta pode ser alterada consoante o nível de esperança.

## CONCLUSÕES

### 1. Considerações Finais

O preconceito e as leis discriminatórias que ainda subsistem ao longo de todo mundo, pode fazer com que os indivíduos LGB se questionem sobre a sua capacidade de resistir e prosperar nas suas vidas, tanto a nível pessoal como a nível profissional. Como as investigações sugerem, estes indivíduos continuam a encontrar rejeição por parte da sociedade e mais especificamente, por parte da sua família, dos seus amigos e no seu local de trabalho. Não será, por isso, de estranhar que ainda hoje sejam muitos os indivíduos a ocultar a sua identidade sexual com o objetivo de manter a harmonia de que tanto necessitam, principalmente por parte da família, visto que, ao realizar o seu *coming out* poderão ser afastados da sua rede social envolvente. Por esta e por outras razões, estes sujeitos percecionam que recebem um menor apoio familiar quando comparados com os seus pares com uma identidade sexual dita normativa. Acreditávamos por isso que, na presente investigação, a esperança poderia servir como fator moderador nesta relação. Sendo que as investigações nesta área demonstram claramente que a esperança prediz maiores índices de satisfação com a vida e maior capacidade de resiliência. Por outras palavras, acreditávamos que indivíduos com maiores índices de esperança poderiam também eles percecionam que receberiam um maior apoio por parte da família do que aqueles que apresentam menores índices de esperança.

Assim, de uma forma geral, pode-se afirmar que os objetivos propostos para a presente investigação foram atingidos, pese embora não se tenham confirmado todas as hipóteses. Os nossos resultados indicam que existe uma correlação forte e significativa entre a perceção de solidariedade familiar e a orientação sexual. Por outras palavras, verificou-se que os sujeitos não heterossexuais percecionam um menor apoio familiar em termos normativos e afetivos e maior conflito com os seus pais quando comparados com sujeitos heterossexuais. Pese embora este facto não altere o apoio que proporcionam aos seus pais e que recebem em termos funcionais. No que respeita à perceção de solidariedade familiar em função do género dos respondentes, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os grupos. Os resultados indicam que os homens percecionam maior solidariedade intergeracional quando comparados com as mulheres. Também foram encontradas algumas diferenças estaticamente significativas entre a orientação sexual dos respondentes e a sua perceção de apoio familiar em

função do pai e da mãe em termos conflituais. Ou seja, os filhos não heterossexuais apresentam consideravelmente maior conflito com os seus pais do que com as suas mães.

Nas análises realizadas ao nível de esperança dos participantes do estudo é possível concluir que foi encontrada uma correlação forte e significativa entre o nível de esperança e a perceção de apoio familiar. Deste modo, sujeitos com maiores índices de esperança sentem que recebem um maior apoio familiar do que indivíduos que apresentam menores índices de esperança. Por outro lado, alguns efeitos de interação entre o nível de esperança e a orientação sexual, assim como, entre a orientação sexual, o género e o nível de esperança, potencialmente interessantes.

## **2. Limitações do Estudo e Sugestões para Investigações Futuras**

Tendo em consideração que a presente investigação assentou a sua análise numa vertente quantitativa, ou seja, os dados obtidos foram interpretados através de hipóteses levantadas e de objetivos predefinidos, seria interessante realizar uma investigação com uma vertente mais qualitativa. Deste modo, seria possível explorar o significado, as perspetivas e vivências pessoais das pessoas não heterossexuais, podendo contribuir de uma forma mais rica e diversificada para as investigações realizadas nesta população.

Numa índole mais quantitativa ou qualitativa seria também interessante explorar o processo de *coming out* dos sujeitos LGB em simultâneo com a perceção de apoio familiar e o seu nível de esperança. Visto que a presente investigação não explorou essa vertente que tanto poderia explicar acerca dos resultados obtidos porque como foi referido anteriormente a perceção de apoio familiar poderá ser maior se o sujeito não revelar a sua identidade à família e consequentemente, não ser rejeitado. Ou então, as investigações poderiam sugerir o contrário.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aboim, S. (2010). Homossexualidade e bissexualidade: Práticas, atracção e orientação sexual. In Ferreira, P. M. & Cabral, M. V. (Eds.), *Sexualidades em Portugal: Comportamentos e riscos* (pp. 147-200). Lisboa: Bizâncio.
- Adams, E. M., Cahill, B. J., & Ackerlind, S. J. (2005). A qualitative study of latino lesbian and gay youths' experiences with discrimination and the career development process. *Journal of Vocational Behavior*, 66(2), 199–218. DOI: 10.1016/j.jvb.2004.11.002
- Albert, I., Ferring, D., & Michels, T. (2013). Intergenerational family relations in Luxembourg family values and intergenerational solidarity in portuguese immigrant and Luxembourgish families. *European Psychologist*, 18(1), 59-69. DOI: 10.1027/1016-9040/a000125
- Amaro, F. (2014). *Sociologia da família*. Lisboa: Pactor.
- Arnesto, J. C. & Weisman, A. G. (2001). Attributions and emocional reactions to the identity disclosure (“coming out”) of a homosexual chil. *Family Process*, 40(2), 145-16. DOI: 10.1111/j.1545-5300.2001.4020100145.x
- Bengtson, V. L. (2001). Beyond the nuclear family: The increasing importance of multigerational bonds. *J Marriage and Family*, 63(1), 1-16. DOI:10.1111/j.1741-3737.2001.00001.x
- Bengtson, V. L. & Roberts, E. L. (1991). Intergerational solidarity in aging families: An example of formal theory construction. *Journal of Marriage and the Family*, 53(4), 856-870. DOI: 10.2307/352993
- Carneiro, N. S. (2009). “Homossexualidades” *Uma psicologia entre ser, pertencer e participar*. Porto: Livpsic.
- Carver, C. S., Scheier, M. F., & Segerstrom, S. C. (2010). Optimism. *Clinical Psychology Review*, 30(7), 879-889. DOI: 10.1016/j.cpr.2010.01.006
- Carta dos Direitos Fundamentais da União Europeia (2000). *Jornal Oficial das Comunidades Europeias*, 364(1). Disponível em: <http://www.dnr.state.wi.us/org/land/wildlife/hunt/hra.htm>
- Coimbra, S.G., Mendonça, M. G. (2013). Solidariedade intergeracional e satisfação

- com a vida: Efeitos de mediação com adultos emergentes. *Paidéia*, *VV(NN)*, XX-XX.
- Cooper, S. M., Brown, C., Metzger, I., Clinton, Y., & Guthrie, B. (2012). Racial discrimination and african american adolescents' adjustment: Gender variation in family and community social support, promotive and protective factors. *Journal of Child and Family Studies*, *22*(1), 15-29. DOI: 10.1007/s10826-012-9608-y
- D'Augelli, A. R. & Hershber, S.L. (1993). Lesbian, gay, and bisexual youth in community settings: Personal challenges and mental health problems. *American Journal of Community Psychology*, *21*(4), 421-448. DOI: 10.1007/bf00942151
- D'Augelli, A.R., Hershberger, S.L. & Pilkington, N.W. (1998). Lesbian, gay, and bisexual youth and their families: Disclosure of sexual orientation and its consequences. *American Journal of Orthopsychiatry*, *68*(3), 361-371. DOI: 10.1037/h0080345
- Elizur, Y. & Ziv, M. (2001). Family support and acceptance, gay male identity formation, and psychological adjustment: A path model. *Family Process*, *40*(2), 125-144. DOI: 10.1111/j.1545-5300.2001.4020100125.x
- Fontaine, A.M., & Matias, M. (2003). Familismo/individualismo em jovens adultos: Construção de um instrumento e estudos exploratório. *Revista Galego-Portuguesa de Psicoloxía e Educación*, *10*(8), p.2348-2362.
- Gable, S. L., & Haidt, J. (2005). What (and why) is positive psychology? *Review of General Psychology*, *9*(2), 103–110. DOI: 10.1037/1089-2680.9.2.103
- Gato, J. J. (2012). *Homoparentalidades num contexto heteronormativo*. Tese de Doutoramento em Psicologia não publicada. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Gato, J. J., Carneiro, N. S., & Fontaine, A. M. (2011). Contributo para uma revisitação histórica e crítica do preconceito contra as pessoas não heterossexuais. *Crítica e Sociedade: Revista de Cultura Política*, *1*(1), 139-167.
- Gato, J. & Fontaine, A.M. (2012). Atitudes face à diversidade sexual no contexto psicossocial, jurídico, da saúde e educativo. *Exdra*, *6*, 81-103.
- Gato, J., Fontaine, A.M., & Carneiro, N.S. (2012). Multidimensional scale of attitudes toward lesbians and gay men: Construction and preliminary validation. *Paidéia*, *22*(51), 11-20
- Hagen, K. A., Myers, B. J., & Mackintosh, V. H. (2005). Hope, social support, and

- behavioral problems in at-risk children. *American Journal of Orthopsychiatry*, 75(2), 211–219. DOI: 10.1037/0002-9432.75.2.211
- Hart, K. E., & Sasso, T. (2011). Mapping the contours of contemporary positive psychology. *Canadian Psychology*, 52(2), 82-92. DOI: 10.1037/a0023118
- Hatzenbuehler, M. L., Hilt, L. M., & Nolen-Hoeksema, S. (2010). Gender, sexual orientation, and vulnerability to depression. In J. Chrisler & D. McCreary (Eds.), *Handbook of gender research in psychology* (pp. 133–151). New York: Springer.
- Hill, C. A. & Gunderson, C. J. (2015). Resilience of lesbian, gay, and bisexual individuals in relation to social environment, personal characteristics, and emotion regulation strategies. *Psychology of Sexual Orientation and Gender Diversity*, 2(3), 232-252. DOI: 10.1037/sgd0000129
- Huegel, K. (2011). *GLBT: The survival guide for gay, lesbian, bisexual, transgender, and questioning teens*. Minneapolis: Free Spirit Publishing Inc.
- Kemer, G. & Atik, G. (2011). Hope and social support in high school students from urban and rural areas of Ankara, Turkey. *Journal of Happiness Studies*, 13(5), 901-911. DOI: 10.1007/s10902-011-9297-z
- Kwon, P., Hugelshofer, D. (2010). The protective role of hope for lesbian, gay, and bisexual individuals facing a hostile workplace climate. *Journal of Gay & Lesbian Mental Health*, 14(1), 3-18.
- Kwon, P. (2013). Resilience in lesbian, gay, and bisexual individuals. *Personality and Social Psychology Review*, 17(4), 371-384. DOI: 10.1177/1088868313490248
- LaSala, M. C. (2010). *Coming out, coming home: helping families adjust to a gay or lesbian child*. New York: Columbia University Press.
- Lin, I., & Wu, H. (2014). Intergenerational exchange and expected support among the young-old. *Journal of Marriage and Family*, 76(2), 261-271. DOI: 10.1111/jomf.12093
- Lynch, S. A. (1998). Who supports whom? How age and gender affect the perceived quality of support from family and friends. *The Gerontologist*, 38(2), 231-238. DOI: 10.1093/geront/38.2.231
- Marques, S. C., Lopez, S. J., Fontaine, A. M., Coimbra, S. & Mitchell, J. (2014). Validation of a portuguese version of the Snyder hope scale in a sample of high school

- students. *Journal of Psychoeducational Assessment*, 32(8), 781-786. DOI: 10.1177/0734282914540865
- Marques, S.C., Pais-Ribeiro, J.L., & Lopez, S.J. (2011). The role of positive psychology constructs in predicting mental health and academic achievement in children and adolescents: A two-year longitudinal study. *Journal of Happiness Studies*, 12(6), 1049–1062. DOI:10.1007/s10902-010-9244-4
- Meyer, I. H. (2003). Prejudice, social stress, and mental health in lesbian, gay, and bisexual populations: Conceptual issues and research evidence. *Psychological Bulletin*, 129(5), 674–697. DOI: 10.1037/0033-2909.129.5.674
- Monteiro, I. B. J. (2010). *Solidariedade familiar intergeracional e bem-estar psicológico: Estudo intergeracional sobre a relação de apoio entre filhas adultas e suas mães*. Tese de Mestrado não publicada. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Monto, M. A. & Supinsky, J. (2014). Discomfort With Homosexuality: A New Measure Captures Differences in Attitudes Toward Gay Men and Lesbians. *Journal of Homosexuality*, 61(6), 899-916. DOI: 10.1080/00918369.2014.870816
- Needham, B. L. & Austin, E. L. (2010). Sexual orientation, parental support, and health during the transition to young adulthood. *Journal of Youth Adolescence*, 39(10), 1189–1198. DOI: 10.1007/s10964-010-9533-6
- Muthen, B. & Kaplan, D. (1985). A comparison of some methodologies for the factor analyses os non-normal likert variables. *British Journal of Mathematical and Statistical Psychology*, 38, 171-189.
- Oliveira, J. M., Costa C. G., & Nogueira, C. (2014). The workings of homonormativity: lesbian, gay, bisexual, and queer discourses on discrimination and public displays of affections in Portugal. *Journal of Homosexuality*, 60(10), 1475–1493. DOI: 10.1080/00918369.2013.819221
- Oliveira, J. M., Pereira, M., Costa C. G., & Nogueira, C. (2010). *Estudo sobre a discriminação em função da orientação sexual e da identidade de género*. Lisboa: Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género.
- Oliveira, J. H. (2002). *Psicologia positiva: amor - felicidade - alegria - optimismo -esperança - perdão - sabedoria - beleza - sentido da Vida*. Porto: Edições Asa.

- Roesch, S. C., Duangado, K. M., Vaughn, A. A. Aldridge, A. A., & Villodas, F. (2010). Dispositional hope and the propensity to cope: A daily diary assessment of minority adolescents. *Cultural Diversity and Ethnic Minority Psychology, 16*(2), 191-198. DOI: 10.1037/a0016114
- Russell, G. M., & Richards, J. A. (2003). Stressor and resilience factors for lesbians, gay men, and bisexuals confronting anti-gay politics. *American Journal of Community Psychology, 31*, 313– 328.
- Santos, L. F. (2009). *Tornar-se homem: dramaturgias em torno das apresentações de si, das emoções e dos afectos em palcos offline e online*. Tese de doutoramento apresentada ao Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho.
- Savin-Williams, R. C. (2001). *Mom, dad, I'm gay: How families negotiate coming out*. Washington, DC: American Psychological Association.
- Savin-Williams, R. C. & Ream, G. (2003). Sex variations in the disclosure to parents of same-sex attractions. *Journal of Family Psychology, 17*(3), 429-438. DOI: 10.1037/0893-3200.17.3.429
- Schiffirin, H. H. (2013). Positive psychology and attachment: Positive affect as a mediator of developmental outcomes. *Journal of Child and Family Studies, 23*(6), 1062-1072. DOI: 10.1007/s10826-013-9763-9
- Singly, F. (2011). *Sociologia da família contemporânea*. Lisboa: Edições Texto & Grafia.
- Silverstein, M., Chen, X, & Heller, K. (1996). Too much of a good thing? Intergenerational social support and the psychological well-being of older parents. *Journal of Marriage and the family, 58*(4), 970-982. DOI: 10.2307/353984
- Snyder, C. R. (2000). *Handbook of hope: Theory, measures, and applications*. Florida: Academic Press.
- Snyder, C.R. (2002). Hope theory: Rainbows of the mind. *Psychological Inquiry, 13*(4), 249-275. DOI: 10.1207/s15327965pli1304\_01
- Snyder, C. R., Harris, C., Anderson, J. R., Holleran, S. A., Irving, L. M., Sigmon, S. T., & Harney, P. (1991). The will and the ways: Development and validation of an individual-differences measure of hope. *Journal of Personality and Social Psychology, 60*(4), 570-585. DOI: 10.1037//0022-3514.60.4.570
- Swartz, T. T. (2009). Intergenerational family relations in adulthood: Patterns, variations,

- and implications in the contemporary United States. *Annual Review of Sociology*, 35(1), 191-212. DOI: 10.1146/annurev.soc.34.040507.134615
- Pacico, J. C., Bastionello, M. R., Zanon, C., & Hutz, C. S. (2013). Adaptation and validation of dispositional hope scale for adolescents. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 26(3), 488-492. DOI: 10.1590/s0102-79722013000300008
- Papadaki, V., Plotnikof, K., & Papadaki, E.(2013). Social work students' attitudes towards lesbians and gay men: The case of the social work department in Crete, Greece. *Social Work Education*, 32(4), 453-467. DOI: 10.1080/02615479.2012.687371
- Pearson, J. & Wilkinson, L. (2012). Family relationships and adolescent well-being: Are families equally protective for same-sex attracted youth?. *Journal of Youth and Adolescence*, 42(3). 376–393. DOI: 10.1007/s10964-012-9865-5
- Poeschl, G., Venâncio, J. & Costa, D. (2012). Consequências da (não) revelação da homossexualidade e preconceito sexual: O ponto de vista das pessoas homossexuais. *Psicologia*, XXVI (I), 33-53.
- Wilson, G., Zeng, Q. & Blackburn, D. (2011). An Examination of parental attachments, parental detachments and self-esteem across hetero-, bi-, and homosexual individuals. *Journal of Bisexuality*, 11(1), 86-97. DOI: 10.1080/15299716.2011.545312

## **ANEXOS**

## **Anexo 1: Consentimento Informado**

### **Consentimento Informado**

Por favor, selecione uma resposta apropriada para cada item:

**Concordo**

Tenho pelo menos 18 anos de idade.

O estudo foi-me explicado.

Percebi que toda a informação recolhida permanecerá anónima e será tratada de forma confidencial.

Aceito as condições do estudo e consinto livremente em participar.

## Anexo 2: Questionário Sociodemográfico

### Questionário Sociodemográfico

**Em que ano nasceu? \***

**Qual a sua região de residência atual?**

Por favor, selecione **apenas uma** das seguintes opções:

- Norte
- Centro
- Sul
- Área Metropolitana de Lisboa
- Área Metropolitana do Porto
- Ilhas
- Estrangeiro

**Onde vive?**

Por favor, selecione **apenas uma** das seguintes opções:

- Norte
- Centro
- Sul
- Área Metropolitana de Lisboa
- Área Metropolitana do Porto
- Ilhas
- Estrangeiro

**Como define a sua identidade “racial” e/ou étnica (por exemplo, “branco”, “negro”, “asiático”)?**

Por favor, escreva aqui a sua resposta:

**Como descreve o seu sexo/género?\***

Por favor, seleccione **todas** as que se aplicam:

- Sou mulher
- Sou homem
- Sou transexual
- Sou transgénero
- Outro:

**Como descreve a sua orientação/identidade sexual?\***

Por favor, seleccione **todas** as que se aplicam:

- Lésbica
- Gay
- Homossexual
- Heterossexual
- Outro:

**Qual o nível de educação mais elevado que completou até este momento?**

Por favor, seleccione **todas** as que se aplicam:

- 4º ano
- 6º ano
- 9º ano
- 12º ano
- Bacharelato/Licenciatura
- Mestrado

Doutoramento

Outro:

**Em que medida considera os valores religiosos importantes no dia-a-dia?**

Por favor, seleccione **apenas uma** das seguintes opções:

Nada importantes

Quase nada importantes

Algo importantes

Importantes

Muito importantes

Extremamente importantes

**Com que regularidade frequenta locais de culto religioso?**

Por favor, seleccione **apenas uma** das seguintes opções:

Nunca ou raramente (menos de uma vez por ano)

Cerca de duas vezes por ano

Mais de duas vezes por ano, mas não todas as semanas

Todas as semanas ou ainda mais frequentemente

**Qual é o seu estatuto relacional/conjugal atual?**

Por favor, seleccione **todas** as que se aplicam:

Casado

Numa união de facto/coabitação

Com um/a companheiro/a (em residências separadas)

Separado/a

Divorciado/a

Solteiro/a

Outro:

**Tem alguma relação do tipo romantic/conjugal atualmente?\***

Por favor, selecione **apenas uma** das seguintes opções:

Não

Sim

**Qual a duração da mesma? (resposta em meses)**

Por favor, escreva aqui a sua resposta:

**Considerando a relação na globalidade, assinale o grau de felicidade que a caracteriza. Responda a esta pergunta apenas se as seguintes condições são verdadeiras:**

Por favor, selecione **apenas uma** das seguintes opções:

Extremamente infeliz

Muito infeliz

Infeliz

Feliz

Muito Feliz

Extramente Feliz

Perfeita

**Qual é o seu estatuto profissional atual?**

Por favor, selecione **todas** as que se aplicam:

Trabalho a tempo inteiro

Trabalho a tempo parcial

Desempregada/o

Estudante

**Qual é a sua profissão?**

Por favor, escreva aqui a sua resposta:

**Caso exerça uma profissão, que tipo de vínculo laboral tem?**

Por favor, selecione **apenas uma** das seguintes opções:

Não se aplica

Temporário

Permanent

**Anexo 3: Índice de Solidariedade Familiar Intergeracional (Bengtson & Roberts, 1991)**

**ESI (Bengtson & Roberts, 1991; Monteiro, 2010)**

De uma forma geral, com que frequência os seus pais a/o costumam ajudar nos seguintes aspetos?

1 - Nunca

2 - Quase nunca

3 - Pouco frequente

4 - Frequente

5 - Quase sempre

6 - Sempre

NA - Não se aplica (esta pessoa nunca fez parte da minha vida ou já faleceu)

Pai						Mãe								
NA	1	2	3	4	5	6	Tarefas domésticas	1	2	3	4	5	6	NA
NA	1	2	3	4	5	6	Transportes e compras	1	2	3	4	5	6	NA
NA	1	2	3	4	5	6	Informação e conselhos	1	2	3	4	5	6	NA
NA	1	2	3	4	5	6	Apoio financeiro	1	2	3	4	5	6	NA
NA	1	2	3	4	5	6	Apoio emocional	1	2	3	4	5	6	NA
NA	1	2	3	4	5	6	Tomada de decisões importantes	1	2	3	4	5	6	NA
NA	1	2	3	4	5	6	Apoio em situação de doença	1	2	3	4	5	6	NA
NA	1	2	3	4	5	6	Assistência nos cuidados pessoais (por exemplo, higiene)	1	2	3	4	5	6	NA
NA	1	2	3	4	5	6	Apoio no cuidado dos meus filhos	1	2	3	4	5	6	NA

De uma forma geral, com que frequência costuma ajudar os seus pais nos seguintes aspetos?

1 – Nunca

2 - Quase nunca

3 - Pouco frequente

4 - Frequente

5 - Quase sempre

6 - Sempre

NA - Não se aplica (esta pessoa nunca fez parte da minha vida ou já faleceu)

Pai							Mãe							
NA	1	2	3	4	5	6	Tarefas domésticas	1	2	3	4	5	6	NA
NA	1	2	3	4	5	6	Transportes e compras	1	2	3	4	5	6	NA
NA	1	2	3	4	5	6	Informação e conselhos	1	2	3	4	5	6	NA
NA	1	2	3	4	5	6	Apoio financeiro	1	2	3	4	5	6	NA
NA	1	2	3	4	5	6	Apoio emocional	1	2	3	4	5	6	NA
NA	1	2	3	4	5	6	Tomada de decisões importantes	1	2	3	4	5	6	NA
NA	1	2	3	4	5	6	Apoio em situação de doença	1	2	3	4	5	6	NA
NA	1	2	3	4	5	6	Assistência nos cuidados pessoais (por exemplo, higiene)	1	2	3	4	5	6	NA

Relativamente às seguintes questões, por favor, assinale a alternativa que lhe parece traduzir melhor a sua opinião.

	Discordo completamente	Discordo muito	Discordo um pouco	Concordo um pouco	Concordo muito	Concordo completamente
Devem ser partilhadas o maior número de atividades possível entre filhos adultos e os seus pais.	1	2	3	4	5	6
As pessoas devem conversar acerca de decisões de vida importantes com os familiares, antes de passarem à ação.	1	2	3	4	5	6
Os membros de uma família devem dar mais peso às opiniões das pessoas da sua família do que às opiniões de pessoas exteriores à família.	1	2	3	4	5	6

De uma forma geral, com como avalia a sua relação com os seus pais nos seguintes aspetos?

1 = Discordo totalmente

2 = Discordo muito

- 3 = Discordo um pouco  
 4 = Concordo um pouco  
 5 = Concordo muito  
 6 = Concordo totalmente

Pai							Mãe					
1	2	3	4	5	6	Os meus pais são críticos em relação a mim ou ao que eu faço.	1	2	3	4	5	6
1	2	3	4	5	6	Existe conflito, tensão ou desacordo entre mim e os meus pais	1	2	3	4	5	6
1	2	3	4	5	6	Eu sou crítico/a em relação aos meus pais ou ao que eles fazem	1	2	3	4	5	6
1	2	3	4	5	6	Eu tenho discussões com os meus pais	1	2	3	4	5	6

De uma forma geral, com como avalia a sua relação com os seus pais o(a) nos seguintes aspetos?

- 1 = Inexistente  
 2 = Fraco/a  
 3 = Moderado/a  
 4 = Bom/boa  
 5 = Muito bom/boa  
 6 = Excelente

Pai							Mãe					
1	2	3	4	5	6	A proximidade entre mim e os meus pais é...	1	2	3	4	5	6
1	2	3	4	5	6	A comunicação com os meus pais, no que diz respeito à troca de ideias sobre assuntos que <b>me</b> preocupam é...	1	2	3	4	5	6
1	2	3	4	5	6	A compreensão que tenho em relação os meus pais é...	1	2	3	4	5	6
1	2	3	4	5	6	O meu relacionamento com os meus pais é	1	2	3	4	5	6
1	2	3	4	5	6	A compreensão que os meus pais têm em relação a mim é	1	2	3	4	5	6
1	2	3	4	5	6	A comunicação com os meus pais, no que diz respeito à troca de ideias sobre assuntos que <b>os</b> preocupam é...	1	2	3	4	5	6

#### Anexo 4: Hope Scale (Snyder et al., 1991)

Leia cuidadosamente cada pergunta. Utilizando a escala abaixo mencionada, por favor selecione o número que melhor o descreve.

1= Totalmente Falso

2= Quase totalmente Falso

3= Em grande parte Falso

4= Ligeiramente Falso

5= Ligeiramente Verdadeiro

6= Em grande parte Verdadeiro

7= Quase totalmente Verdadeiro

8= Totalmente Verdadeiro

	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>	<b>7</b>	<b>8</b>
1. Consigo pensar em várias maneiras de me desenrascar.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Tento alcançar incansavelmente os meus objetivos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Existem vários caminhos para ultrapassar um problema.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Consigo pensar em várias maneiras de ter as coisas que acho importantes.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Mesmo quando os outros se sentem desencorajados, eu sei que posso encontrar um caminho para resolver um problema.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. A minha experiência passada preparou-me bem para o futuro.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Tenho sido bem-sucedido/a na vida.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Alcanço os objetivos que estabeleço para mim.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>